



A LINGUA FRANCESA ANTES E DEPOIS DA REVOLUÇÃO

Paul Lafargue

Resumo: Este artigo escrito em 1894 discute a questão da língua antes, durante e após a Revolução Francesa, mostrando as transformações por que ela passou. Essas transformações se dão no contexto da concepção de língua como organismo que nasce, cresce e morre. Mas, como organismo que é, adapta-se sempre ao meio natural e social em que se encontra. Uma das inovações mais conspícuas é a que se dá no nível do léxico. Introduzem-se palavras novas, mas, sobretudo, derivam-se palavras ainda não usadas de outras já existentes. Foi uma época em que os prefixos *des-* (*dé-*) e *re-* passaram a ser usados na formação de muitos neologismos. Também o sufixo *-izar* (*iser-*). A maioria dessas inovações entraram também na língua portuguesa.

Palavras-chave: Revolução Francesa; língua francesa; adaptação; inovação; evolução; neologismo.

Abstract: This article written in 1894 discusses the French language before, during and after the French Revolution, showing some transformations it underwent. These transformations obtained inside the conception of language as an organism that is born, grows and dies. However, like living organisms, language adapts itself to its natural and social environments. One of the most conspicuous innovations show up at the level of the lexicon. Entirely new words are introduced, but some of them emerge by derivation. The *dé-* and *ré-* prefixes, for instance, were largely used in these words. The same happened to the suffix *-iser*. Most of these innovations entered also the other Romance languages, as is the case with Portuguese.

Keywords: French Revolution; French language; adaptation; innovation; evolution; neologism.

1. A língua e seu meio

Uma língua, assim como um organismo vivo, nasce, cresce e morre. No decorrer de sua existência, ela passa por uma série de evoluções e revoluções, assimilando e desassimilando palavras, locuções familiares e formas gramaticais.

As palavras de uma língua, do mesmo modo que as células de uma planta ou de um animal, têm sua vida própria: sua fonética e sua ortografia se modificam sem cessar. No francês antigo, escrevia-se *presbtre*, *cognoistre*, *carn* por *chair* (carne, músculo), *charn* por *charnel* (carnal) etc. As significações se transformam do mesmo modo: *bon* antigamente se referia a bem, favor, lucro, vantagem, vontade etc. [1]: *Jean le bon* queria

dizer *Jean le brave* (João, o bravo); *bonhomme*, depois de ter sido sinônimo de "homem de coragem e prudente", se transformou em um epíteto ridículo. A palavra grega *nomos*, que deu "nômade", sofreu toda uma série de significações que, à primeira vista, parecem não ter nenhuma relação entre si. Usada primitivamente por *pâturage* (pastagem), *pacage* (apascentamento), depois por *séjour* (permanência, estadia), *demeure* (demora, estadia), *partage* (compartilhamento), acabou por ser empregada como *usage* (uso, hábito), *coutume* (costume), *loi* (lei). As diferentes significações de *nomos* indicam as etapas percorridas por um povo pastor que se torna sedentário, agricultor, chegando à concepção de lei, que é a codificação do hábito, do costume [2].

Se a língua se vê em uma perpétua transformação é porque ela é a produção mais espontânea, mais característica das sociedades humanas. Os povos selvagens e bárbaros que se desgarram do grupo principal e passam a viver isolados dele acabam por não se entender mais com o grupo original, devido às muitas modificações que advêm aos seus dialetos.

A língua sente a consequência das mudanças por que passa o ser humano e o meio em que se desenvolve. As mudanças no modo de viver dos homens, como a passagem da vida agreste à vida citadina, assim como os acontecimentos da vida política deixam suas marcas na língua. As pressões dos fenômenos políticos e sociais sobre os povos acabam por modificar rapidamente seu modo de falar. Os povos sobre os quais os fenômenos políticos e sociais exercem sua pressão modificam rapidamente seu modo de falar, enquanto que nos povos que não têm história o idioma acaba se immobilizando. O francês de Rabelais não era mais inteligível aos letrados um século após sua morte. No entanto, a língua-mãe dos idiomas noruegueses, suecos e dinamarqueses, ou seja, o islandês, se manteve quase intacta na Islândia.

Vico foi o primeiro a falar de uma origem selvagem e rural (*selvage e contadinesche*) da maioria das palavras. Se em Roma os templos circulares de mármore eternizam a forma das cabanas de madeira e barro dos selvagens do Lácio, as palavras de toda língua civilizada trazem a marca da vida silvestre dos homens primitivos. Assim, *goné* significa semente em grego, fruto da terra, animal pequeno, criança; *sperma*, grão, semente, raça. A quantidade de palavras a que *boûs* (boi) deu origem na língua grega é considerável. O francês, que tem muitas palavras de origem helênica, também tem algumas delas, como *bouvier*, *bouvard* 'jovem touro', *bouvard* 'martelo de moedeiro', *bouillon* (caldo), *bousculer* (quebrar), *bouse* (bosta de vaca), *bouffer* 'comer carne de boi', *bouffon* (botão). Em Atenas *bouphônos* é matador de bois, um padre de Zeus, o cuidador da cidade, que apresentava uma comédia diante da imolação de um boi acusado de ter comido as oferendas sob o altar de Deus (PAUSANIAS, liv. I, ch. XXIV).

Mais do que as palavras, as locuções familiares e proverbiais deixam entrever os laços que ligam uma língua aos fenômenos da vida em volta. Na época em que a candeia de azeite era o principal instrumento de iluminação, ela fornecia nobres comparações aos poetas. Ronsard elogiava uma dama declarando-lhe que "seus olhos brilhavam como as candeias". O *Dictionnaire de Trévoux*, de 1743, registra que "se diz de olhos muito vivos e brilhantes que eles brilham como candeias". 'Economizar pedaços de pavio de candeia', 'o jogo não vale uma candeia' e 'queimar-se na candeia' são expressões que desapareceram

depois que a lâmpada de cremalheira, a vela de cera de ácido esteárico e a gás passaram a nos fornecer luz.

Uma língua não pode isolar-se de seu meio social, do mesmo modo que um vegetal não pode ser transplantado de seu meio meteorológico. Os linguistas geralmente ignoram ou desdenham a ação do meio. Muitos entre eles procuram no sânscrito a origem das palavras e até mesmo das fábulas mitológicas. O sânscrito para os gramáticos é um *abre-te sésamo* para todos os mistérios, assim como a cranologia o é para os antrólogos. Os leitores de *Ère nouvelle* ficariam espantados se eu reproduzisse a lista interminável de palavras que um orientalista ilustre deriva do vocábulo sânscrito "brilhar". Enfim, seria interessante se os resultados etimológicos dos orientalistas fossem menos contraditórios para nos levar a abandonar, em prol de seu método, a teoria do meio que tende a tornar-se preponderante em todos os ramos das ciências naturais e históricas.

A teoria do meio foi introduzida na França na crítica literária por uma mulher de gênio. Se bem que em sua obra *De la littérature dans ses rapports avec les institutions sociales*, Mm Staël fale explicitamente sobre a necessidade de uma nova literatura que faça jus às novas necessidades do meio social criado pela Revolução, ela só menciona de passagem e para condenar a transformação da língua, instrumento de toda a literatura [3].

Após a Revolução que destruiu o velho regime, era tão impossível não inovar na literatura do reinado de Luís XIV quanto continuar usando sua linguagem.

O estudo do caráter e importância dessa renovação linguística é o objetivo deste artigo.

2. A língua antes da Revolução

Tendo sido a Academia Francesa dissolvida em 18 de julho de 1793, a Convenção Nacional decretou no primeiro dia complementar do ano III que

o exemplar do *Dictionnaire de l'Académie française* -- encarregado de notas marginais --, depositado na biblioteca do comitê de instrução pública, deveria ser entregue aos livreiros Smits, Maradan et Cie. para ficar disponíveis ao público; devendo os ditos livreiros tomar as medidas necessárias para o trabalho junto às pessoas letradas de sua escolha, com a condição de que deveriam disponibilizar 15.000 exemplares e que enviassem uma quantia de ... às bibliotecas nacionais.

No ano VI (1798), esta edição – que era a quinta do *Dictionnaire de l'Académie* -- seria posta à venda pelo preço de 24 libras: os editores haviam colocado no início um prefácio e no final um suplemento que não haviam sido preparados por membros da defunta *Académie*. O discurso preliminar continha heresias que teriam feito Voltaire ficar horripilado, por ser bem diferente do proêmio dos jesuítas.

Concluiu-se, lê-se aí, que não era necessário consultar a língua da elite (*beau monde*) como uma autoridade que decide e resolve tudo porque a elite pensa e fala muito mal, porque, enfim, há uma diferença muito grande entre a linguagem elitista formada de fantasias desse mundo, bastante bizarras, e a linguagem composta de relações verdadeiras entre palavras e ideias.

Voltaire dizia que sentia muito

que em questões de língua, bem como em outros usos mais importantes, seja o populacho que dirige os maiores da nação.

O *Supplément*, que continha 336 palavras forjadas ou impostas pela Revolução, revelava o triunfo do populacho.

Os inovadores e os conservadores criticavam duramente essa edição do *Dictionnaire*. Os inovadores – eles eram numerosos – criticavam os editores por terem fechado as páginas dos dois volumes a um número considerável de palavras novas. Mercier, que, antes da Revolução já havia abrido fogo contra a língua e a literatura do século de Luís XIV, para protestar contra esse ostracismo lexicográfico publicou em 1801 sua *Néologie ou Dictionnaire de 2.000 mots nouveaux*. Em 1831, uma sociedade de gramáticos trazia à luz um *Supplément au Dictionnaire de l'Académie*, contendo cerca de 11.000 palavras novas, acepções novas e termos técnicos, que o uso e a ciência têm introduzido na língua corrente a partir de 1794 e que não se encontram no *Dictionnaire de l'Académie*. Esses gramáticos se enganam; a imensa maioria de suas palavras novas já circulavam quotidianamente antes de 1794.

Os puristas que desejavam "um senado conservador relativamente à língua se enrubicavam. O abade Morellet, decano dos velhos jovens, que não têm aos oitenta o que prometiam aos sessenta" respondiam às teorias niveladoras dos editores que

o *Dictionnaire de l'Académie française* é o depositário da língua usual tal qual ela é falada pelas classes dos cidadãos que se distinguem pelo nível, pela fortuna e pela educação.

Movido por uma nobre indignação, ele continuava:

Consagra-se nesse vocabulário (o *Supplément* de 336 palavras novas) as palavras *enragé, motionne, révolutionner, sans-culotte, sans-culottides*, termos bárbaros ou baixos, que, não tendo uma duração mais que efêmera e não são mais do que jargões e gírias (*argot*) revolucionárias ou que não exprimem as tolices e os crimes do governo revolucionário, palavras que não deviam conspurcar o *Dictionnaire* da língua francesa. Citeraije, entre os horríveis artigos adotava, esquentando-se, *fournée*, substantivo feminino, nome dado às carradas de indivíduos condenados ao suplício da guilhotina, e *guillotine, lanterner, mitraillade, noyade, septembriseur, septembrisade*, termos cuja crueldade e baixeza que os introduziu na língua revolucionária devem poupar as pessoas honestas e que deveriam ser expurgados para sempre do *Dictionnaire*, como mancha de sangue dos aposentos de um palácio. Admitindo que isso venha à mente de homens de letras, que dizer dos membros desse grande colegiado literário, o Institut National de France, ou seja, consignar no *Dictionnaire* essas palavras horríveis? [4]

A fúria de Gabriel de Feydel era maior do que a de Morellet. Ela se manifestava em injúrias não somente contra o *Supplément* de palavras revolucionárias, mas também contra a obra da *Académie* supracitada. O *Dictionnaire* estava contaminado por termos do

jargão dos jogadores, das tabernas dos ladrões (os cabarés, os queridinhos de Henri III...., de artigos de leitura pesada, redigidos pela cabeleireira de uma acadêmica ou pela governanta de um acadêmico de expressões), o esconderijo dos serventes, distantes da polidez francesa, dignas das moçoilas Gorgions, que não se pode ouvir senão nas antecâmaras ou da boca de uma serva.... de hipérboles de

costureiras, de rapazes barbeiros aos quais a prática se esqueceu de dar uma gorjeta... do jargão da vendedeira de fruta que quer aparecer, da linguagem das mulheres de alcova, de prostitutas, de lavadeiras insultando o caráter nacional... frases que não convêm senão na boca de um pião, frases de cuidadores de porcos, de barbeiros, do populacho mais vil, dignas de vendedoras de verdura e que devem corromper-se nos esconderijos de bandidos e de trapaceiros... [5]

Suspendamos essa citação, mesmo sendo ela necessária para que o leitor possa apreciar a ideia que os puristas tinham da língua francesa, da qual deveria ser banida a linguagem dos franceses aficionados ao jogo ou que exerciam alguma profissão (barbeiros, Vendedores de fruta, lavadeiras, alfaiates etc.).

Os puristas ficavam desesperados: legiões de palavras bárbaras, baixas e vis se imiscuíam na língua polida das pessoas da boa sociedade, entravam em jogo e subvertiam a obra de dois séculos de cultura aristocrática. A língua, assim como o estado, a sociedade, a propriedade e os costumes sofreram uma revolução. Os historiadores da língua mal fazem alusão a essa renovação linguística que tanto preocupava os letrados nos primeiros anos do século. Eles caíram no erro dos acadêmicos de 1835, desprezando a importância dessa revolução repentina porque a língua francesa se manteve aparentemente

a mesma, isto é, igualmente inteligível, sendo que até os primeiros anos do século de Luís XIV ela nunca fora fixada. Com efeito, a cada século as mesmas coisas precisavam ser reescritas no novo francês que logo se tornava velho e desbotado. Ao copiar um manuscrito de nossa língua, frequentemente o traduzíamos pela metade. O texto de Joinville foi apresentado durante muito tempo pela última de suas versões póstumas, logo tornadas envelhecidas a ponto de serem tidas como o original [6].

a mesma, isto é, igualmente inteligível, sendo que até os primeiros anos do século de Luís XIV ela nunca fora fixada. Com efeito, a cada século as mesmas coisas precisavam ser reescritas no novo francês que logo se tornava velho e desbotado. Ao copiar um manuscrito de nossa língua, frequentemente o traduzíamos pela metade. O texto de Joinville foi apresentado durante muito tempo pela última de suas versões póstumas, logo tornadas envelhecidas a ponto de serem tidas como o original [6].

O mesmo fenômeno se verificou durante a Revolução. As palavras e as expressões que invadiram a língua eram tão numerosas que os jornais e as brochuras da época teriam que traduzi-las a fim de serem inteligíveis aos cortesãos de Luís XIV.

Mas, após a Revolução, houve um movimento de reação, a língua polida tentou reconquistar sua autoridade sobre as classes dirigentes e expulsar de seu seio os neologismos que tinham sido introduzidos com efração. Após a reflexão, os escritores mais afoitos

se intimidaram diante das expressões másculas da língua republicana que lhes tinha sido familiar durante quatro ou cinco anos. Parece haver há algo a empalidecer a língua monárquica [7].

O próprio Mercier advertia que havia

descartado de seu dicionário, menos umas poucas expressões, as palavras que tinham a ver com a Revolução. A maioria delas são expressões fortes e vigorosas; elas correspondem a ideias terríveis, a

maioria bizarras, aos solavancos dos acontecimentos. Quando o barco é atingido pela tempestade, os marujos oram, mas fazem o necessário para salvá-lo.

Mas, apesar dos puristas, a obra linguística da Revolução estava feita; a camisa de força que manietava a língua estava rompida, ela havia conquistado sua liberdade.

Mas, para se avaliarem o caráter e as implicações desta renovação da língua francesa, faz-se necessário conscientizar-se da concepção que as letras dos séculos XVII e XVIII tinham da língua. Eu começarei, portanto, mostrando ao leitor as opiniões dos escritores da época.

* * * * *

Durante a Idade Média, os nobres viviam em seus castelos, entre seus vassallos e servos, mas a política monárquica os concentrava em Paris. Eles gravitavam então ao redor do rei e formavam sua corte. Perderam sua antiga independência feudal; perderam os elos que os ligavam às outras classes e constituíam um corpo separado do resto da nação que acabou por se tornar estrangeiro a ela; eles se juntaram em Versalhes, a capital da aristocracia. Não vivendo como a burguesia, e menos ainda como o povo comum, a nobreza inventou para si costumes, hábitos e ideias tão distintas das da maioria da nação que seus privilégios eram diferentes dos direitos e deveres dos burgueses e dos artesãos. Enfim, eles começaram a se diferenciar dos demais cidadãos tanto pela vestimenta quanto pelo comportamento e a linguagem. O idioma que colocaram em torno de si como uma barreira os isolava das outras classes. Isso era reforçado pela polidez de seus meneios, a etiqueta de suas cerimônias e até mesmo pela maneira de se servirem à mesa e de comer [8].

A língua artificial que distinguiu a aristocracia não foi criada por inteiro, como a língua internacional que Leibniz inventara antes dos volapukistas. Ela foi extraída da vulgar, falada pelo burguês e o artesão, na aldeia e no campo. Esse fenômeno de desdobramento já havia se dado na língua latina; no tempo da segunda guerra púnica, ela se cindiu em língua nobre, *sermo nobilis*, e língua plebeia, *sermo plebeius*.

Os hábitos e os costumes da sociedade polida do século XVII devia limitar consideravelmente o número de palavras de sua língua artificial, que Mercier chamava *monárquica*, mas que era mais apropriado chamar de *aristocrática*. Os nobres não exerciam nenhuma profissão, exceto a das armas, não tendo, portanto, nenhum interesse em conhecer as expressões de suas várias operações. As primeiras edições do *Dicionário da Academia* multiplicaram os termos heráldicos e excluíram quase por completo as palavras técnicas das profissões. Essa eliminação foi uma das principais causas da querela de Furetière contra a *Academia*. Eu deixo aos mais eruditos o cuidado de mostrar por qual procedimento de podas sucessivas veio a se constituir a língua das pessoas de classe. Porém, insisto sobre este ponto, cuja importância nunca é possível exagerar, isto é, que foi por um desbaste metódico da vulgar que se formou a língua dos escritores de Luís XIV, língua essa tão corrente no século XVIII e que compartilhava com a língua latina a glória de ter sido a língua que as nações aprendem por uma convenção tácita a fim de se entenderem [9].

Essa insigne honra não aconteceu à língua aristocrática senão porque a França era o único grande país da Europa em que os nobres, centralizando-se em torno de seu chefe feudal,

criaram uma corte importante e atingiram uma polidez e uma elegância admiradas e imitadas pelas aristocracias europeias. Os romances de Urfé, códigos de saber-viver aristocrático, eram lidos até nos rincões da Noruega.

Os nobres, mais guerreiros que clérigos,

não tinham a arrogância tola e a temeridade de nenhum intelectual que pensa que nossa língua vulgar seja inapropriada para as belas letras e a erudição [10].

Sem grandes preocupações, eles tomaram emprestadas as palavras, as expressões e os torneios de que precisavam para o seu dia a dia, mas filtrando-as e só mantendo um número bem restrito delas. Só depois de serem pesadas e sopesadas, aprovadas e chanceladas foram admitidas na sociedade polida e nos escritos que patrocinavam. Eles obrigaram os homens letrados, pelo menos aqueles que solicitam seus favores, que não eram, segundo a severa e justa expressão de um crítico, senão "alegres animadores da sociedade", a deixarem a forte mas rude língua dos Aubigné, dos Montluc, que fingiam ignorar, mas a procuravam avidamente.

Os nobres tirados de seus solares e concentrados em Paris procuravam se livrar das aparências de Pourceugnac para assumir as maneiras dos cortesãos. O desbaste na língua cheia de adornos, vigorosa e caótica vinda do século XV se emparelhava com o policiamento dos costumes brutais dos barões feudais e o refinamento de seu gosto. Esse trabalho de se desfazer de hábitos feudais e de sua linguagem se dava no começo do século XVII em muitas assembleias, salões, *redutos* e *ruelas*, que se enfileiravam do subúrbio de Saint-Germain aos confins de Marais, e que são enumerados com complacência pelo *Grand Dictionnaire des précieuses* de Somaize. Eles se adequavam ao hotel Rambouillet, o centro da reforma. Embora a nobreza encontrasse em seu meio os pedagogos de que precisava, a fim de levar a bom termo sua obra pedagógica, embora ela fornecesse escritores de valor (Mmes de Sévigné, de Lafayette, La Rochefoucauld etc.), o que ela não deveria mais fazer dali para a frente, ela chamou a si um grupo de *comerciantes de palavras*, de *chicaneiros pedantes* como Vaugelas, Balzac, Voiture – que Boileau em sua *Art poétique* pôs no mesmo nível de Radine e Molière – Godeau, Coëffeteau, Chapelain (o parasita de *Pucelle*), o padre Bouhours, que pretendia enriquecer a língua empobrecendo-a, e outros mais desconhecidos ainda. Todos eles pertenciam à *Academia* recentemente fundada e propagavam sua pretensão de *desgasconizar a língua*, com o que achavam que a desvencilhava de qualquer aspereza provincial. Se Voltaire tivesse vivido naquela época, se incluiria nessa douta sociedade de preciosos. Afinal, ele cria que

o mal de Corneille era ter crescido na província, motivo pelo qual se encontravam muitas impropriedades em sua obra [11].

Subtraindo-se à ação purificadora do hotel de Rambouillet e de seus anexos, as *ruelas* e a *Academia*, escritores estigmatizados com o epíteto de *libertinos*, de poetas escrotos, de poetas de meia tigela, mas de temperamento feroso, de criatividade tumultuosa e gaulesa ao lado de uma soberba audaz, continuaram a se servir da língua não desgasconizada e a

escrever em um estilo dirigido a um público misto de burgueses instruídos e de nobres indisciplinados e indisciplináveis

A história das edições do *Dicionário da Academia* nos permitirá acompanhar a evolução da linguagem aristocrática. Os primeiros acadêmicos que, em seu entusiasmo ingênuo, se intitulavam "operários das palavras, trabalhando para a exaltação da França" ("seus sucessores do reinado de Luís XIV não tinham mais que uma ambição", "tornar imortais todas as palavras e todas as sílabas dedicadas à glória de seu ilustre protetor") ficaram muito envergonhados quando chegou a hora de elaborar o catálogo da linguagem. A maneira de classificar as palavras os fez parar logo no começo: a primeira edição do *Dicionário da Academia* os agrupou por famílias. Esse modo de classificação, abandonado em seguida, foi retomado nos últimos tempos pelo Dr. Freund em seu *Grand dictionnaire de la langue latine*. Vai valer a pena voltar a ele quando quisermos fazer um dicionário filológico metódico da língua francesa.

Os acadêmicos tiveram que superar uma segunda dificuldade, também muito séria: era necessário classificar as palavras às quais caberia a honra de figurar no *Dictionnaire*. Depois de muitas discussões, eles decidiram admitir apenas os termos consagrados pelos escritores conhecidos, e entre os escritores conhecidos estavam os acadêmicos. No entanto, dois dos que acabaram de ser escolhidos estavam mortos absolutamente e desconhecidos. Na lista dos escritores escolhidos para fornecer seu material incluíam-se Amyot, Montaigne, Desportes, Charron, a rainha Marguerite, Ronsard, Marot etc. Mas, eles perceberam que, apesar de sua maravilhosa riqueza vocabular, não haviam feito uso de uma infinidade de palavras e expressões, cujo uso era, no entanto, indispensável na dinâmica da vida quotidiana. Eles foram forçados a retornar à língua corrente e compor não o vocabulário de escritores famosos, "que se tornariam bárbaros em poucos anos", como disse Pellisson, mas o dicionário da língua. Esta primeira edição é mais um esboço do que um verdadeiro léxico.

Quando foi necessário preparar a segunda edição de 1717, os acadêmicos encontraram uma outra dificuldade. Os nobres e as pessoas do povo criaram expressões novas, tais como *sabler le vin*., *battant l'oeil*, *falbala*, *fichu*, *ratafia*: dever-se-ia consigná-las no dicionário? Depois de muita hesitação eles chegaram à conclusão de que,

uma vez que uma palavra entra na língua deve entrar também no dicionário, seria mais interessante fixar-se na coisa que ela significa do que na palavra inventada para significá-la, por mais bizarro que isso pudesse parecer [12].

Voltaire, aristocrata até a raiz do cabelo, não teve escrúpulo de dizer:

O que incomoda a nobreza da língua, dizia, não são os solecismos das pessoas letradas, mas a afetação de autores medíocres falando de coisas sérias usando o estilo da conversação informal. [13].

Os acadêmicos de 1717 formularam em seu prefácio a regra que deveria orientar toda a lexicografia.

Parece, dizem eles, que há uma espécie de igualdade entre as palavras de uma língua como a há entre os cidadãos de uma mesma República. Assim como o general do exército e o magistrado não são mais cidadãos que o soldado raso ou o artesão mais humilde – a despeito da diferença de suas ocupações –, do mesmo modo palavras como *justiça* e *valor* não são palavras menos francesas nem mais francesas – mesmo que representem as virtudes primordiais – do que as que estão destinadas a representar as coisas mais abjetas e mais desprezíveis.

É verdade que um século mais tarde (1817), vinte e três anos após a Revolução, os acadêmicos não teriam mantido essa linguagem. Mas, para não acusar a memória da *Academia* de seguir teorias demagógicas em matéria de linguagem, é necessário acrescentar logo que eles não pretendiam abrir o dicionário às locuções populares, mas às "expressões bizarras" das pessoas da boa sociedade, mesmo que às vezes elas cheirassem à taverna e a lugares pouco recomendáveis. Os nobres do tempo de Richelieu e de Mazarin que não acederam às pessoas da rua procuravam a incômoda companhia de escritores libertinos e de poetas rechonchudos para a se apaziguar da fadiga do decoro e dos incômodos da etiqueta, bem como descansar nos cabarés da dignidade oficial. Porém, enquanto o *Dictionnaire* acolhia expressões excluídas dos homens de bem, La Fontaine – que assistia assiduamente as sessões da Academia – não pudera fazer admitir "as palavras de seu conhecimento" que encontrara em Marot e Rabelais.

O prefácio da terceira edição (1740) indica que a posição mudou; a língua polida está ameaçada, é preciso estar vigilante sobre sua proteção. A *Academia* não pretende mais elevar as palavras ao nível dos cidadãos de uma República igualitária. Pelo contrário, ela afirma que sempre acreditou que devia restringir seu dicionário à língua comum, tal como a falamos no mundo e tal como nossos oradores e poetas a usam.

Ela expunha sem restrições a ideia aristocrática de língua, que não é a dos burgueses e dos artesãos, mas a das pessoas da alta sociedade e dos escritores que ela patrocina. A *Academia*, que imaginava que "a língua lhe pertencia como a barbearia aos barbeiros" (Furetière), aproximava-se do ideal de Bossuet, que havia pensado em um conselho soberano e perpétuo, cujo crédito estabelecido pela aprovação pública (leia-se a corte) pode reprimir as bizarrices do uso e conter seus desregramentos.

E mais, o prefácio da terceira edição declarava que, como as pessoas conservadoras procuravam não usar termos ditados por esses arroubos que ferem o pudor, os excluía. Não contente com esse ostracismo, os acadêmicos designam pela primeira vez as palavras que o estilo poético e cuidado deve empregar além dos que ficam reservados para o uso familiar.

No século XVII se pensava que a língua que atingisse o máximo de perfeição deveria ser fixada; a *Academia* era o colegiado de especialistas que deviam manter o seu cultivo.

A França é o único país que chegou a estabelecer uma tirânica censura acadêmica. Isso era sentido em outros lugares. Um escritor irlandês cujas audácias de pensamento e de linguagem teriam confundido Bossuet mais que a aparição do diabo, Jonathan Swift, fez a bizarra sugestão, bastante estranha, de se instituir uma academia que pudesse conter e fixar a língua inglesa, descartar alguns termos, corrigir outros e ressuscitar alguns.

É necessário que nenhuma palavra à qual a sociedade deu sua sanção não se envelheça nem seja rejeitada [14].

O amigo de Voltaire, o grande Frederico, redigiu uma gramática alemã para regulamentar e disciplinar a língua de seu povo tão superiormente quanto os exercícios dos soldados.

Os gramáticos do Hotel de Rambouillet e da *Academia* não conseguiram extrair do "vulgar, tão apto a suportar o fardo das concepções humanas", embora "elas próprias nascidas em forma de ervas, raízes e árvores [15], uma linguagem subjugada, livre de suas expressões populares, suas expressões ingênuas e termos comuns, senão pelo trabalho doloroso e contínuo. Suas longas e fastidiosas discussões sobre as palavras e até mesmo sobre as partículas pareciam fúteis, pueris a ponto de serem ridicularizadas são um testemunho da paixão séria e refletida que animava esses criadores da língua aristocrática. Uma vez subtraída do arbitrário e da fantasia individual e regida por numerosas e precisas regras gramaticais, a linguagem da alta sociedade, definitivamente constituída, foi vulgarizada em livros e inculcada pela educação. Mesmo sendo de feição artificial, ela se tornou a língua natural da aristocracia, da classe governante. Ela se entranhou tanto na natureza dos cortesãos de Versalhes que lhes parecia tão difícil falar o vulgar quanto vestir-se com as roupas grosseiras e desagradáveis dos artesãos e dos burgueses quando viam suas carroças em seu passo rápido por Paris em direção à corte.

Durante o século XVII o centro de gravidade social se deslocou, transplantando-se de Versalhes para Paris. O vulgar, de cuja existência os nobres tinham uma leve suspeita, mas que não contava para eles, pôde então se afirmar: suas palavras e suas expressões começaram a irromper-se na língua polida, com seus financiadores e os ricos burgueses que se introduziam nos salões e nas famílias aristocráticas cujos brasões eles repintavam. Os nobres ingenuamente sorriam dessa revolta de palavras e das pretensões dos recém-vindos que macaqueavam canhestramente seus modos. Sua confiança na perenidade de seus direitos e privilégios era tão cega que acreditavam que eles eram inatacáveis, tal qual a obra começada pelo hotel Rambouillet e levada ao seu ponto mais alto de aperfeiçoamento pelos escritores do reino de Luís XIV. Mas os letrados que se erigiram em guardiões da língua do grande século pensavam de outro modo. Seus temores de que ela fosse poluída pelo contato com a vulgar, suas recriminações, objurgatórios e raiva contra as expressões familiares e triviais deixam bem longe as ridículas e preciosas, desprezadas. Os preciosos do século XVII, entre os quais deve-se contar os escritores de Port-Royal e seus adversários, os jesuítas, que reprovavam o "o estilo pesado de seus longos períodos e de suas expressões antiquadas", foram criadores a seu modo e sua língua metódica, clara e polida ocupa um lugar de honra na história da literatura francesa. Mas, os letrados do século XVII não passavam de guarda-doenças de uma moribunda cuja vida se tentava prolongar por meio de tretas acadêmicas.

Seria aceitável compreender os nobres lutando pela defesa da língua de Luís XIV. Ela era seu idioma materno, aquele no qual eles haviam balbuciado as primeiras palavras e na qual pensavam e exprimiam seus sentimentos. Mas, eles não conseguiram curá-la. Durante o período revolucionário foram os jornais e as brochuras dos aristocratas que tornaram moda o estilo encardido. Os letrados, como dragões ornados de regras

gramaticais e de pretensões de bom estilo, mantinham a rainha das línguas, que não haviam aprendido da boca de suas mães, mas dos livros e escolas sob a palmatória dos professores. A Academia era composta mais de nobres do que de escritores que com sua disciplina se passavam por portadores da linguagem da alta sociedade. Na família e no trato quotidiano eles só falavam o vulgar; eles a usavam em suas cartas particulares, servindo-se da outra apenas para botar elegias, tragédias e alguns *in-octavo*. De modo que os pedantes de que falava Du Bellay não pensavam em escrever nada de bom, a não ser em língua estrangeira, ininteligível ao vulgo. Eu não duvido, dizia Diderot, que em breve teremos uma língua falada e uma língua escrita, como os chineses.

A consequência era uma preocupação por parte dos escritores de não usar inadvertidamente expressões familiares. Homens livres das obrigações como Voltaire escreviam com o cotovelo sobre o dicionário e a gramática a fim de não deixar passar o menor pecadilho.

O prefácio do *Dictionnaire de l'Académie* de 1835 referindo-se a Voltaire lembrava "que ele foi um admirável e quase tímido guardião da língua". É este lutador tão petulante e tão espirituoso que deve ser estudado se queremos conhecer o ridículo dos preciosos do século XVII.

Como disse Mercier, em verdade poder-se-ia dizer que começamos a escrever na França quando Boileau e Racine pegaram na pena, que antes deles não havia nem espiritualidade nem raciocínio nem estilo ... Olá, grandes espíritos, fiquem ignaros, contentem-se com os ditos elegantes e fúteis, feitos de versos franceses e de prosa liceal.

Poder-se-ia pensar que há uma piada nesse espírito turbulento e mal equilibrado. Mas, de modo algum, ele não desfigurava o pensamento dos preciosos. Ele reproduzia exatamente as opiniões dos puristas. Ouçamos Voltaire, que passa por antípoda do pedantismo.

A língua do século XVI não era nobre nem regular. O gênio da conversação sendo o humorismo, a língua se tornou muito fecunda em expressões burlescas e ingênuas, bem como bem estéril em termos nobres e harmoniosos... É o motivo pelo qual Marot não teve sucesso no estilo sério e que Amyot só pôde reproduzir com ingenuidade a elegância de Plutarco. O francês adquiriu vigor sob a pena de Montaigne; ele ainda não tinha estilo elevado e harmônico ... A língua se tornou nobre e harmoniosa pelo estabelecimento da Academia Francesa [16].

Em outra passagem ele concluiu que

depois que os franceses passaram a escrever, não tiveram nenhum livro de bom estilo antes de 1656 ou as [17].

Em 1824, Victor Hugo era ainda mais exclusivista:

Boileau compartilha com nosso Racine o mérito único de ter fixado a língua francesa (Prefácio de *Nouvelles Odes*).

Os escritores ilustres do reinado de Luís XIV não se conformavam com haver perdido a velha língua que Voltaire e os preciosos consideravam tão frustra, tão bárbara e tão pouco

harmoniosa.

Em sua *Lettre sur l'éloquence adressée à l'Académie*, Fénelon disse que sacrificamos e depauperamos a língua ao querer purificá-la ... A velha linguagem faz falta quando a encontramos em Marot, Amyot e o cardeal de Ossat: ele tinha um quê de curto, ingênuo, audacioso, vívido e apaixonante.

O próprio Racine se queixava de encontrar no estilo de Amyot uma graça que cria não encontrar igual na linguagem moderna (Prefácio de *Mithridate*).

Diderot por outro lado se lamentava:

essa pretensa nobreza que nos faz excluir de nossa língua uma grande quantidade de expressões energéticas ... De tanto refinar nós acabamos empobrecendo nossa língua e frequentemente só tendo um termo para exprimir uma ideia, preferimos enfraquecer a ideia a empregar um *termo nobre*. Que grande perda de palavras que vemos com prazer somente em Amyot e Montaigne! Eles começaram a ser evitados no bom estilo porque eram usados pelo povo, em seguida rechaçados pelo próprio povo que, ao fim e ao cabo, macaqueia os grandes; os termos se tornaram inteiramente inusitados.

Voltaire respondeu-lhe:

Muita gente pensou que a língua francesa havia empobrecido depois do tempo de Amyot. Com efeito, encontramos nesses autores muitas expressões que não são mais aceitas, mas trata-se na maior parte de termos familiares para os quais produzimos equivalentes. Ela se enriqueceu de termos novos e enérgicos [18].

Antes de ser motivo de brincadeira dos românticos, Racine fora a ovelha negra do hotel Rambouillet: Reprovava-se-lhe não haver purificado suficientemente sua língua e "se ter servido de expressões familiares e burguesas, de termos baixos e rastejantes".

Um século mais tarde, Voltaire fez vistas grossas dessas acusações. A fim de mostrar o quanto sua crítica tinha sido pequena e chicaneira, eis aqui versos de Racine que ele considerou familiares e burgueses:

... De mãos tão belas
parecem demandar o império dos humanos
(*Bérénice*, ato II, cena II.)

Acreditas que se eu o esposar
Que Andrômaco não terá ciúmes em seu coração?
(*Andromaque*, ato II, cena V.)

Tu vês que é isso, eles vão esposar-se
(*Bajazet*, ato III, cena III.)

No entanto, as mãos de *Berenice*, que parecem querer um império, eram um prêmio desejado, se os versos de *Andromaque* e de *Bajazet* forem medíocres. Este furor purista era levado a um grau tão elevado que o autor de *Candide* chegou a considerar "trivial, baixo e indigno de Pascal" a expressão simples e enérgica dos fortes pensamentos:

CXXVI. O exemplo da castidade de Alexandre não fez tantos continentes como o de sua embriaguez fez intemperantes. Ele não tem vergonha de não ser tão virtuoso quanto ele, e parece desculpável por não ser mais cruel do que ele.

CIV. Isso é admirável: não querem que eu honre um homem bem vestido e seguido de sete ou oito lacaios! E daí! Ele me corrigiria, se eu não o cumprimentasse. Esse hábito é bem forte. É como um cavalo bem paramentado frente a um outro [19]!

Mme de Staël parece pensar que é possível renovar a literatura sem tocar na língua. Voltaire, ao contrário, acreditava que eram tão estreitamente associadas que qualquer mudança em uma levaria forçosamente a uma modificação na outra. Se ele se considera guardião cuidadoso da língua, ataca com fúria os inovadores literários que, para se desculparem de suas tentativas, mencionavam Shakespeare. Sua campanha contra o maior gênio dramático que a humanidade produziu depois de Ésquilo merece ser conhecido: ela revela o estado de espírito da época e pode ser considerada como uma das primeiras escaramuças do combate que clássicos e românticos iriam travar após a Revolução sobre as obras de Racine e Shakespeare.

Quando o secretário da livraria anunciou a publicação da primeira tradução francesa de Shakespeare em 1776, o patriarca de Ferney, que conhecia "o monstro" tremeu diante da tragédia da língua como os admiradores românticos, não por ouvir dizer, mas por contato direto. Os escritores que haviam displicentemente violado suas regras eram desprezíveis. Mas, este "bárbaro" tinha tamanho suficiente para lhes infligir um golpe perigoso. Era necessário proscrevê-lo da literatura na França como havia sido feito com as palavras de Montaigne, François de La Noue e Rabelais. Sua ansiedade é enorme; ele escreve da Suíça à *Academia* contra *Gilles* Shakespeare e seu tradutor *Pierrot* Letourneur. Ele achava que conseguiria algo ridicularizando os nomes deles. Uma carta de Voltaire era um acontecimento, fazia-se questão de lê-la em sessão pública, em 25 de agosto. Ele faz de tudo para dar um ar de solenidade a essa leitura. Convida seus amigos "como bons franceses e como guardiões do bom gosto [20]". Recomenda a d'Alembert convencer a rainha e as princesas a tomar nosso partido... A rainha ama o teatro trágico; ela discerne o bom gosto do mau gosto, como se comesse manteiga com mel (*Isaias*, VII, 15); ela será a guardiã do bom gosto.

D'Alembert foi encarregado de ler a famosa carta; ele a enche de conselhos sobre como relevar as passagens escabrosas de Shakespeare, amenizando o que pudesse chocar a audiência.

Toda a graça da coisa consistia no confronto das partes admiráveis de Corneille e de Racine com os termos de b... [a palavra está escrita com todas as letras] e dos palavrões que o divino Shakespeare põe na boca de seus heróis e heroínas... Não se pode pronunciar no Louvre o que Shakespeare disse com tanta naturalidade diante da rainha Elizabete [21].

Nota-se que em suas cartas Voltaire não se incomodava; em seus romances e contos ele se permitia um pouco de liberdades no que se refere à boa linguagem e ao bom gosto. D'Alembert retrucava:

É preciso manter Shakespeare ou Racine em seu devido lugar... infelizmente entre os letrados existem desertores e falsos irmãos; mas os desertores serão pegos e pendurados. O que me incomoda é que a essência desses pendurados não servirá para nada, pois serão bem magros e bem secos [22].

Com efeito, os escritores que haviam protestado contra a tragédia e o *Dictionnaire de l'Académie* antes da Revolução eram contestadores para os quais a glória e a fortuna não sorriam.

Em sua carta à *Academia*, Voltaire não deixa de culpar Shakespeare pelo discurso do porteiro bêbado, sobre os efeitos afrodisíacos e diuréticos da bebida. Há nessa passagem algo para chocar o pudor deste século com orelhas tão castas. Em sua obra prima *Les plaideurs*, Racine se arriscou até mesmo a lançar uma das palavras de Macbeth, mas o pecado era venial, não passava de peixes pequenos. Era necessário voltar a Scarron e à Rabelais para reencontrar uma tal liberdade de linguagem, coisa que os naturalistas modernos ainda não ousaram fazer. Pode-se perdoar Voltaire, portanto, se ele cobre a face e grita *raca*. Aí e em muitas outras passagens interessantes, Shakespeare em verdade vai além do que o gosto aristocrático e capitalista pode tolerar.

Voltaire não se escandalizava somente com as palavras de um ébrio, mas também com esta passagem de um sentinela: " Eu não ouvi um rato correndo" (*Hamlet*).

Sim, senhor, continuou o árbitro literário supremo, dirigindo-se ao infeliz Pierrot Letourneur, um soldado pode responder assim no meio militar, mas não no teatro, diante dos próceres de uma nação que se exprimem nobremente e diante dos quais é necessário se exprimir do mesmo modo.

Que um soldado designe um rato pelo seu nome, vá lá, mas que Henrique V da Inglaterra fale a Catarina, filha de Carlos VI, rei da França, dessa maneira:

Se tu queres minha Catini, que eu faça versos para ti, que eu dance, tu me perdes, porque eu não tenho palavras nem a medida para versificar e não tenho jeito para dançar no ritmo.
(*Henrique V*, ato V, cena I.).

Pensando no casamento de sua mãe um mês após a morte de seu pai, Hamlet exclama:

Ai! fragilidade é o nome da mulher! Por que não esperar um simples mês! Por que antes de ter usado os chinelos com os quais ela seguiu o comboio de meu pai! Oh, céu! As bestas que não têm nenhum raciocínio teriam seguido um luto mais longo [Essas traduções são de Voltaire].

Fazer reis e rainhas discorrerem como simples mortais era ir além do que o pai da *Pecelle* poderia suportar no teatro. Mine du Deffant, após não sei qual tragédia de Voltaire dizia: "Ele cultivava todos os gêneros, até mesmo os mais enfadonhos". A carta à *Academia* o completa; ele, o espírito feito escritor chega ao grotesco nesta passagem:

Julgai agora, cortes da Europa, acadêmicos de todos os países, homens de elite, homens de bom gosto em todos os Estados. Eu faço mais, ousou pedir justiça à rainha da França e a suas princesas, às moças de tantos heróis que sabem como os heróis falam [23].

As filhas de Luís XV sabiam como seu pai falava às amantes. O autor da *Henriade* esqueceu que Béarnais – que viveu em um tempo parecido com aquele em que falavam e

agiam as personagens que Shakespeare transpôs ao vivo para o teatro --tinha propósitos semelhantes e até mais novos, que teriam por outro lado escandalizado as princesas.

Não foi apenas a língua trágica que levou inquietações a Voltaire. Não era somente ela que ele queria preservar da invasão de palavras familiares e de locuções populares; era também a língua científica, a língua jornalística e até a da conversa quotidiana.

Vós lereis nos novos livros de filosofia, diz ele desesperado, que não é necessário *dar-se à pura perda de tempo do ônus de pensar (faire en pure perte les frais de penser)*, que os eclipses *existem para amedrontar o povo (en droit d'effrayer le peuple)*, que Epicuro tinha *aparência que refletia sua alma (à l'unisson de son âme)*.... e milhares de outras expressões semelhantes, dignas do lacaio das *Précieuses ridicules*... Vós lereis nos papéis públicos: Ficamos que a frota lançou velas no dia 7 de março e que ela teria dobrado os Sorlingues. Tudo conspira para corromper uma língua expandida... Os negociantes introduzem em suas conversas termos de sua área e vos dizem que a Inglaterra arma uma frota; mas, *do outro lado* a França equipa seus vasos de guerra [24].

Essa última queira caracterizar a língua defendida pelos preciosos ridículos do século XVII. Eles proscravam as palavras e expressões nascidas no balcão das oficinas.

Pobre Voltaire! Suas inquietações não eram de todo exageradas, a língua vulgar que os escritores do grande século não deixaram relegada a segundo plano, usando apenas a elaborada no hotel Rambouillet, vinha à superfície, começava-se a escrever:

As tragédias no estilo de Allobroge ..., lamentava ele, os solecismos, os barbarismos... a empola mais ridícula não é sentida durante algum tempo porque a cabala e o entusiasmo idiota do vulgo provocam uma ebriedade que não sente nada.

Ele pressentia a perda do gosto e da língua em um futuro próximo

por essas obras Visigóticas e vandálicas... Esses males advêm normalmente após os séculos de perfeição. Não querendo ser imitadores, os artistas procuram caminhos desviantes; eles se distanciam da bela natureza que seus predecessores forjaram... O público desejoso de novidades procura-os... O gosto se perde, somos rodeados de novidades que se substituem umas às outras rapidamente. O bom gosto é uma reserva que alguns bons espíritos ainda conservam longe do populacho [25].

Uma falante como pessoas letradas sustentava Voltaire contra os Ostrogodos e os Vândalos da literatura que demoliam a obra de dois séculos de cultura aristocrática. No entanto, em seu próprio campo ele encontrava os que protestavam contra os dogmas da Igreja acadêmica, eles recriminavam contra a pobreza da língua. O que é mais, o próprio Voltaire a tratava como "mendiga orgulhosa a quem se deveria dar esmola não solicitada". Principalmente os sábios lamentavam as resistências que ela lhes opunha quando era necessário fazê-la admitir termos científicos, se bem que conhecimentos novos exigissem o uso de palavras novas. Mas,

os homens que poderiam dar o diapasão devido a sua posição e a seu conhecimento não têm conhecimento especulativo nem experiência, lamenta um dos enciclopedistas. Se homens assim fossem mais esclarecidos, nossa língua se enriqueceria com milhares de expressões próprias ou figuradas, expressões de que ela precisa e das quais os sábios que escrevem sentem falta [26].

Que fetichismo para a língua culta! Os sábios tinham escrúpulo de se usar uma expressão científica que não tivesse sido autorizada pelos ignorantes da elite.

Aceitemos a verdade, continua o autor do artigo, a língua dos franceses cultos não passa de inflorescência sutil. Digamos tudo, nossa língua não tem um porte considerável, não tem uma ousadia de imagem nobre nem cadências pomposas ou esses grandes movimentos que trariam o maravilhoso. Ela não é nada épica... Há uma grande quantidade de nomes de coisas essenciais que a língua francesa não ousa exprimir devido a uma falsa delicadeza.

Na segunda metade do século XVIII, começou-se a sentir a necessidade imperiosa de renovar a língua e as instituições sociais e políticas. Sentimo-nos no direito de perguntar porque Voltaire e os enciclopedistas, que tinham sido os representantes teóricos dessa necessidade geral e que tinham por missão histórica preparar a cabeça dos homens encarregados de efetivar essa revolução, foram tão respeitosos no que tange aos usos e regras do idioma aristocrático.

Os enciclopedistas não escreviam para o povo, mas para a parte instruída e inteligente da burguesia que, embora desejosa de abolir os privilégios dos nobres, tentavam mesmo assim copiar seus modos.

Os filósofos admitidos nos salões nobres, às vezes em pé de igualdade total, ocupavam-se de trazê-los para as ideias reformadoras. Eles deviam, observa Madame Staël, "acostumá-los, como se faz com as crianças, a brincar com aquilo de que têm medo". Não podiam adotar outra linguagem que a da nobreza; estavam mesmo obrigados a exagerar seu purismo a fim de não deixar o flanco aberto a críticas muito fáceis. Eles eram antes de tudo polemistas; estavam para demolir com sua crítica impiedosa as ideias e as opiniões tradicionais que existiam em torno do regime antigo. Não perdiam tempo reformando a língua; ocupavam-se de fazê-la mais lépida e incisiva. Parece que eles tinham medo de introduzir palavras e locuções que, por sua novidade, poderiam desviar a atenção ou obscurecer o sentido de seus ataques. Ter uma língua precisa e clara, que fere o adversário como uma espada, era uma preocupação constante a partir de Descartes. Mas, independentemente dos enciclopedistas, havia um trabalho silencioso na língua. Seus efeitos começavam a ser perceptíveis alguns anos antes da Revolução. Nós vamos vê-la, a língua, ampliar-se abertamente e renovar-se como por mágica, no espaço de alguns anos, de 1789 a 1794.

3. A língua depois da Revolução

No século XVIII a língua se transformou; perdeu a polidez aristocrática e assumiu os ares democráticos da burguesia. Literatos com furor acadêmico começavam a tomar emprestadas palavras e locuções da língua dos botecos e da rua. Essa evolução efetuar-se-ia gradualmente se a Revolução não tivesse vindo imprimir-lhe uma marcha acelerada e levá-la além do objetivo colimado pela necessidade da situação.

A transformação da linguagem se fazia paralelamente à evolução da classe burguesa. Para entender o fenômeno linguístico, é necessário conhecer e compreender o fenômeno social e o político que lhe deram origem. A rica e instruída burguesia do século XVIII exercia

uma ação latente sobre a marcha dos acontecimentos políticos, guerreando contra a aristocracia, não como na Idade Média para conquistar as regalias comunais, mas para compartilhar o poder político e fazer, na propriedade, na legislação e na fiscalização, as reformas indispensáveis à sua marcha para frente. Entre as grandes mentes desses tempos épicos, Mirabeau e os homens que o inspiraram são aqueles que mais claramente entreviram o objetivo que era preciso atingir. Eles não pretendiam derrubar a monarquia, mas dar-lhe o feitiço constitucional que fazia a grandeza e a prosperidade da Inglaterra e a admiração dos enciclopedistas e economistas. É a monarquia constitucional que acabou por pôr cobro ao movimento depois das lutas sangrentas da Revolução. Depois de 1815, o parlamentarismo se desenvolve sob diferentes formas de governo.

As reformas políticas e econômicas não exigiam a supressão da nobreza como classe governante, mas a ascensão ao seu lado de uma nova classe poderosa pela riqueza e o saber. Os nobres não souberam compreender que, se essas reformas necessárias golpeavam sua vaidade e ameaçavam alguns de seus privilégios, elas aumentariam de modo considerável sua fortuna territorial. Após se deixar levar, em 4 de agosto, por um de seus ímpetos de entusiasmo que são próprios da nação francesa, em vez de permitir que a evolução burguesa seguisse seu curso normal e regular, pois eram incapazes de dirigi-la, eles quiseram travá-la. A burguesia era poderosa demais para que, uma vez assumida, não vencesse todos os obstáculos. Essa evolução era de uma necessidade tão imperiosa que nenhum preço era demais para levá-la avante. As execuções sanguinárias, as espoliações em massa, as dilapidações colossais, as leis do máximo, em uma palavra, as medidas de exceção da Revolução eram incompatíveis com o humor burguês, que chocariam os líderes revolucionários que tinham que pô-las em prática, do mesmo modo que chocaram M. Taine, se elas não lhes houvessem parecido impostas pelas circunstâncias e independentes da vontade humana.

Para triunfar frente à aristocracia mantida pelas monarquias europeias, a burguesia teve que insuflar as massas populares, que ela não tinha intenção de pôr em movimento. Os escritores e filósofos que prepararam teoricamente a Revolução, com raras exceções, se preocupavam muito pouco com a sorte dos trabalhadores. Eles só se dirigiam aos nobres e aos burgueses,

Voltaire desejava que as luzes fossem de bom tom e que a filosofia estivesse conforme à moda, observa Madame de Staël. Mas, o elemento popular, uma vez presente queria, por sua vez, obter as reformas e dar forma às declamações burguesas. Em vez de se contentar com a igualdade civil frente à lei, exigiam a igualdade econômica frente aos meios de existência. Por um instante, pôde afirmar sus tendências comunistas em Paris, estabelecer refeições de fraternidades, mexer com projetos de reforma agrária e de propriedade comum. Mas, esse movimento popular, enxertado na revolução burguesa e desenvolvido prematuramente pelas lutas da burguesia e a aristocracia, deveria fracassar.

Quanto a burguesia teve que lutar contra a aristocracia! Ela teve que ceder às exigências populares. Foi obrigada a fazer vistas grossas e concordar com reformas que lhe repugnavam, mas que assumiu desde que sua situação ficou clara. O movimento de reação começou com Robespierre e continuou aumentando sob o Diretório. A constituição de 1793, que trazia o sufrágio universal, pode ser considerada o ponto culminante do

movimento revolucionário. Votada em 23 de junho, ela foi imediatamente suspensa e substituída pela Constituição do ano III (1795) antes de poder ser aplicada.

Esses movimentos políticos de avanços e recuos se estendeu até à religião, às artes, aos costumes e à língua. O ateísmo, após ser erigido em religião, foi considerado como crime; Deus, abolido por decreto e o catolicismo se tornou a religião nacional, após se passar pelo Ser supremo de Robespierre. A filosofia sensualista do século XVIII que deu início à Revolução reinava na Comuna de Paris. Posta em suspeição por Robespierre, acusada de ter fomentado "os excessos e os crimes de 1793, ela foi suplantada sob o Diretório pela filosofia harmonizada de Azaïs, depois pela filosofia do bom senso que Royer-Collard importou da Escócia, e definitivamente substituída pelo ecletismo frasista de M. Cousin. David, seus discípulos e seus rivais, após deixarem as Curiaces e as Psychés para pintar realisticamente os dramas da rua e os combates dos soldados republicanos, sob o Diretório, retornaram a seus primeiros autores, aos Romains e aos Sabines. O costume, o mobiliário, os hábitos sociais mais tradicionais sofreram igualmente o contragolpe da dupla agitação política. O calendário republicano fazia começar o ano em 22, setembro (primeiro vendemiário); primeiro de janeiro foi visto com suspeição. Foi proibido celebrá-lo como dia do ano. Rompeu-se o lacre desse dia, abriam-se as cartas no correio para ver se elas não continham desejos de ano bom. A celebração do dia do ano foi restabelecida sob o Diretório, no ano V (1797).

A literatura, pelo menos a que era possível nesses tempos agitados, a literatura dos jornais, dos panfletos, das discussões políticas, nos clubes e assembleias parlamentares, não escapou da sorte comum. Desde o início da Revolução, a língua do século XVIII foi deixada de lado e, sem transição, caiu-se no estilo demagógico. Sob o Diretório os b... e os f... que *Père Duchenne ressuscitado* acreditou poder fazer reviver, foram proscritos por ordem do governo como provas concretas de tendência à anarquia de 1793; era necessário pulverizar o alfabeto. Os nobres exerceram na revolução linguística o papel que tiveram no movimento filosófico. Eles haviam contribuído ao desmoronamento de sua situação privilegiada alimentando-se dos paradoxos mais perigosos, que para eles eram petiscos do espírito. Os emigrados que fugiram da proscricção revolucionária para as cortes da Alemanha, da Itália e da Savoia estavam tão corrompidos pela crítica partidária dos filósofos que foram tomados por revolucionários e, às vezes, foram expulsos como tais. Em 4 de agosto, os delegados da nobreza, que exibiam espírito filosófico sem que isso tivesse consequências, acreditaram que poderiam sacrificar seus privilégios e até mesmo abandonar seus títulos de nobreza para se adjudicarem nomes comuns sem mudar em nada em sua situação, de tão convencidos que estavam de sua superioridade e conscientes da imensa distância que os separava da turba burguesa, na qual não distinguiam mais do que fornecedores e comensais.

Os nobres levaram a revolução literária ao extremo. Como notam MM. E. e J. de Goncourt em seu *Histoire de la société française pendant la Révolution et sous le Directoire*, tão nutrida de pesquisas originais, infelizmente comprometida com preocupações com estilo, os aristocratas no *Journal des Halles*, que tinha como epígrafe: "Onde há desconforto, não há prazer", e cujo primeiro número começava pela frase "J'entendons [eu

entendemos] gueuler à nos oreilles des papiers... [27], dans la *Chronique scandaleuse*, le *Journal de la cour et de la ville*, le *Journal à deux liards*,

precederam o estilo canalha dos revolucionários e começaram a pôr a linguagem das ruas a serviço da polêmica ante dos *Duchênne*

A nobreza e seus apoiadores pressentiram o poder extraordinário que adquiriria a então nascente imprensa popular.

Com penas, dizia Lemaire, fizemos m... abaixo as plumazinhas dos audaciosos; com penas fizemos uma gaivota dançar à senhora Bastilha; com penas fizemos balançar o trono dos tiranos, movemos o mundo e incitamos os povos a marchar pela liberdade [28]. A aristocracia sentira a necessidade de atrair o povo e se servir dele como um cordeiro para vencer a burguesia e, a fim de conquistá-la, deixou de falar da corte sem trejeitos em prol da linguagem das corças de la Halle que "acelerando as galeras, agarrando o diabo pelo rabo, com muito pesar", "pretendia, apesar de tudo isso, não ser mais vista como zeros à esquerda" (*Cahier des plaintes et doléances des dames de la Halle et des marchés de Paris rédigé au grand salon des Porcherons*, août 1789.)

A nobreza seguia sua tática tradicional: nas lutas intestinas que ensanguentaram as cidades da Idade Média, ela fazia de tudo para os encarregados, para os operários de ofícios contra os mestres das corporações e o patriciado municipal, para o *populo minuto*, contra o *populo grosso*, como diziam expressivamente os florentinos do tempo de Savonarola. Em nosso século, a aristocracia inglesa tentou conquistar o elemento proletário das cidades manufatureiras para resistir à usurpação da burguesia e para enfrentar a agitação da *anticorn-law*, fazendo votar as leis para a regulamentação das horas de trabalho, a despeito dos Cobden e os Bright do liberalismo.

A revolução literária iniciada pelos aristocratas experimentou um desenvolvimento considerável. Jornais, panfletos, brochuras e *flyers* começaram a chover como saraivada de balas políticas; não tardaram a tornar-se meios de enriquecimento. Que mérito você tem por ser patriota, dizia Saint-Just a um livreiro quando um panfleto traz milhares de francos.

Para tranquilizar o leitor, apresentava-se-lhe o estilo dos mercados; para atrair o comprador, recorria-se aos títulos sensacionalistas, extravagantes, popularescos, obscenos, terríveis. Eis alguns exemplos:

O *desbocado* abade Fauchet; que o Anti-jacobino sacramentava "bispo pela cólera de Deus" -- *Os Ovos de Páscoa, ovos frescos de Besençon*. -- *O rocambole dos jornais ou História aristocapucino-cômica da Revolução*. -- *Letras m patrióticas do padre Duchême*, epígrafe: "Compre isso por duas moedas, e você rirá por quatro! -- *Letras m... da madre Duchêne*. -- *O plumpudding ou recreação dos escudeiros do rei*. -- *Eu me f...*, epígrafe: Liberdade, *libertas*, m..." No quinto número ele muda de título e se chama *Jean Bart ou sequência de eu me f...* -- *Jornal do ralador ou assim ou assado!* "Como eu não nos estimamos tanto..." -- *A vestimenta patriótica, ou os adornos de Jean F...* -- *Por duas moedas o meu jornal! O jornal do outro mundo, ou Conversação verdadeiramente fraterna do diabo com são Pedro*, cujo frontispício é uma peça de guilhotina enfeitada com cabeças decepadas, com a legenda "Esboço de história natural do diabo. Aviso aos contestadores".

Grupos de camelôs, nomeados então proclamadores, apregoavam esses títulos e às vezes imitavam o artigo ou a nova sensacional do folheto que vendiam nos cruzamentos.

Panfletos e brochuras se ofereciam aos compradores com títulos espalhafatosos:

Se estou errado que me pendurem! - Peguem seu pequeno copo.

O Parchemin em cueca. – Meus Deus! são umas bestas, esses franceses! – As senhoritas do Palais-Royal dos Estados gerais. – A Mosca cantárida nacional contra o clero. – Carta de Rabelais, pastel de massa folhada aos decretos da assembleia, chouriço à Barnave, dindim à Robespierre. – O último grito do monstro. – Molho de feno ou morte trágica de seu Foulon. – A audiência de MM. Launay, Flesselles, Foulon e Savignyt nos infernos.

- O golpe de misericórdia dos aristocratas, preces pelos agonizantes com ofício aos mortos, que começa assim: " Que belzebu arranhem os aristocratas com suas garras". – Envie agradecimentos do Senhor belzebu pelo envio de traidores em 13 e 2 de julho.

A linguagem desses jornais e panfletos, sentimental e violenta, acabava de nascer: as palavras forjadas para a circunstância mordiam, as frases infladas de retórica nova se abatiam sobre o adversário como golpes de maça. Os Goncourt, esses letrados delicados e misto de eruditos e que nos dois volumes já mencionados não escondem seus sentimentos pela realeza são obrigados a admirar o talento dos escritores revolucionários. Eles respondem (aos aristocratas) no estilo das feiras, dizem, por uma língua que colhem na sarjeta e que suavizam sem enlanguescê-la, que fazem ficar manipulável e dócil, sem lhe tirar sua característica sólida, seus movimentos robustos e fortes. Não se deixem enganar pelo aspecto primeiro desses jornais, esses m..., esses b... que, por assim dizer, não passam de uma maneira de inflexão; deixem seus gostos e encontrarão nesse falar da borra uma tática hábil, um afago apropriado do popular, um pôr em perspectiva das teses governamentais e das proposições abstratas da política. Encontrarão depois um idioma com marca própria, nutrido, vigoroso, rabelaisiano, com pitadas de tiradas cômicas ou grosserias corriqueiras, tiradas notáveis, dialética serrada, um chapado bom senso quadrado e plebeu. Um dia virá ... em que se reconhecerá o espírito, a originalidade, a eloquência mesma, talvez a única eloquência verdadeira da Revolução, a Père Duchêne e principalmente a Hébert [29].

A arma que os aristocratas primeiro manipularam, arrancada de suas mãos voltou-se contra eles. Seus jornais tiveram uma circulação limitada e tiveram que suspender a publicação por falta de leitores, enquanto que uma popularidade inaudita recompensou "os poderosos Vadés da Revolução".

Os sucessos dos Père Duchêne e sua forte influência sobre a marcha dos acontecimentos não devem fazer esquecer que os realistas foram os primeiros a enfeitar seus jornais com a "flor da linguagem do populacho", o que se empenhou em fazer a comissão do Instituto nacional em seu *Rapport sur la continuation du Dictionnaire de la langue française* (ano IX).

No curso da Revolução, lê-se, o exagero nas ideias produziu o exagero nas palavras; passou-se a ter como eloquência expressões estranhas e incoerentes; homens que não tinham nenhum estudo, ou tinham estudos mal feitos, se consideravam chamados a ser oradores, poetas, escritores. Desejando chamar a atenção e não conseguindo fazê-lo por

meios inteligentes, que convinham ao bom gosto, lançaram mão de uma audácia de linguagem que convinha muito bem à de sua conduta. Criaram palavras bárbaras, torneios forçados, motivo pelo qual não tiveram muitos imitadores que tomavam o enfatuamento por grandeza, temeridades absurdas por ousadias interessantes.

O Instituto repetia os ataques que de todos os lados se lançavam contra os numerosos locutores que a Revolução fez eclodir e que nos apresentavam

em todos os recantos da França essas expressões, essas frases de terror que hoje enxovalha a linguagem de Racine e de Buffon (*Décade philosophique*, 30 fructidor, an X).

Naquela época os letrados eram menosprezados

tirados das fileiras dessa imensa barafunda de jornalistas que a Revolução fez surgir: jovens amanuenses vendo-se sem emprego, pequenos tonsurados saídos de seminários tentaram vender sua alma por dois soldos a meia folha e os diversos partidos os assalariaram, depois dos *Père Duchêne* até o *Courier de la cour* (*Bulletin de Paris*, 7 messidor, ano X.)

Sabe-se que os letrados tímidos, os Laharpe e os Morellet, envelhecidos nos salões do regime antigo, tenham ficado escandalizados com a língua demagógica dos jornais revolucionários. Ela chocava demais seus hábitos e sua polidez acadêmicas; não valorizava homens políticos e historiadores que apreciavam a tarefa que os acontecimentos impunham a esses jornalistas, que sabiam que deviam chamar a atenção de um público sem cultura literária, inflamar as paixões e ganhar o prêmio da causa que haviam abraçado. Devem compreender que seu estilo era do que exigiam as circunstâncias e ficar admirados por haver tantos escritores de talento para se servir dessa língua desgastada e para conquistar "a estima andrajosa da extrema interioridade". O jornalista e o panfletário revolucionários não são professores de retórica, que visam a impecabilidade; antes de sonhar com as regras da gramática e do bom estilo, deviam, assim como o autor dramático, preocupar-se com atrair a multidão à qual se dirigem. Eles são polemistas que devem se curvar à língua, aos gostos, aos hábitos e à cultura de seus leitores.

A língua popularesca salpicada de blasfêmias grosseiras, endossadas por burgueses e aristocratas como um prazer carnavalesco, devia ser deixada de lado uma vez ganha a batalha.

O expurgo dos b... e os f... do *Père Duchêne* por ordem da justiça, mencionado anteriormente, não passada de eslagartamento que se iria praticar sobre a língua revolucionária. Protestava-se alto e bom som contra

a introdução ou o emprego de locuções novas de que ninguém precisa nem aceita ... contra os torneios novos, esses acavalgamentos de palavras uma sobre as outras. Era o abandono total do decoro, a confusão absoluta de todas as sutilezas sociais, essas saturnais que haviam feito da inépcia um título de grandeza, essa necessidade de rebaixar para não ser seguido; é a isso que se deve atribuir a aceitação delas (*Mercur de France*, termidor, ano VIII)

O Instituto que pensava ser o censor da língua como a Academia supracitada, reclamava a honra de ser o grande eslagartador das palavras da Revolução. "Cabe ao Instituto pôr

ordem na língua francesa, diz o relatório mencionado. A *Décade* (20 messidor, ano IX) anuncia que a comissão do Instituto encarregada do dicionário consagrou sua primeira sessão

ao exame das palavras recém-introduzidas na língua durante os dez ou doze últimos anos, regulares e harmoniosas e as que o bom uso já consagrou.

A caça às palavras e locuções que foram organizadas não era um passatempo inocente de letrados, mas uma obra política. Trabalhava-se para expurgar da língua, assim como da filosofia, da religião e dos costumes os traços da Revolução. Como um pesadelo, ela incomodava aqueles que havia feito tremer e que não queriam senão viver.

Todas as vezes que o curso das ideias leva a refletir sobre o destino do homem, a Revolução aparece, diz Mme de Staël analisando este estado mental, nos transportamos espiritualmente para tempos que já se passaram... Se nessas regiões metafísicas uma palavra vem à lembrança, as emoções da alma passam a dominar. O pensamento não consegue mais nos sustentar [30].

Não se contentava com proscrever as pragas do *Père Duchêne*, procurava-se pelas palavras mais decentes e anódinas. O *Mercur* – no qual escreviam Fontanes, Chateaubriand e os homens do partido católico – se protegiam contra palavras como *novidades, enriquecedor, estreiteza, homens virtuosos, pena liberal*, "um barbarismo monstruoso" (1 vendemiário, ano X). Reprendia-se o título da *Décade philosophique*, que se aconselhava modificar. Ela respondia timidamente (nesses tempos não pegava bem passar-se por revolucionário):

Se nos servíamos da palavra *década* durante a revolução seria necessário proscrevê-la? Sabamos que não se ouve sem desgosto os nomes que designavam os diversos partidos, são palavras emporcalhadas, deseje-se que sejam esquecidas se possível. Mas a palavra *década* não entra nessa classe. Ela indica a divisão decimal do mês. Os *décadis* foram suprimidos como dias de descanso, feriados, mas não as décadas (10 termidor, ano X).

Laharpe se distinguiu entre os executores de palavras. Ele escreveu uma brochura para manifestar seu repúdio ao tuteamento que lhe fora imposto em 1793 e um volume de mais de cem páginas para limpar a língua francesa da sujeira revolucionária.

Diz-se que outrora os *escritores das charqueadas* apresentavam palavras de boas-vindas, de amor e de injúrias a todos que chegavam. Havia o estilo de 10, 20 e 30 soldos. O primeiro para o populacho que não sabia ler nem escrever; o segundo para aqueles que haviam aprendido uma coisa e outra; o terceiro para os pequenos gerentes de lojas. Este último era um etilo florido. Por 30 soldos atribuíam-se-lhes espirosidade e eloquência. Eis com toda certeza a hierarquia inteira do *belo espírito revolucionário*. Ele produziu 5 ou 6 escritores e tantos outros oradores da Montaigne que se elevaram até o estilo de 30 soldos.... Esses corifeus desprezam com toda convicção seus confrades de 10 soldos. A pobre gente não tem dúvida que virá um dia em que não se fará distinção entre eles assim como não se faz hoje entre nossos velhos *escritores das charqueadas*.

Depois de cutucar os escritores, cutucavam-se as palavras:

Democratizar, exclama-se, é uma palavra forjada na Revolução; *moralizar* é um verbo neutro que nunca significou tornar moral, mas falar de moral; *desmoralizar* significava, conseqüentemente, parar de falar de moral; *fanatizar* não é nada menos bárbara, mas contrária a todas as regras de formação de palavras, como seria *autenticar*, *heroizar* por tornar autêntico e heroico etc. Nenhum adjetivo terminado em *-que* pode produzir um verbo terminado em *-izar* [31].

Lembrou-se-lhe que se dizia *eletrizar*, *paralisar*, *tiranizar*, *dogmatizar*, *canonizar*, palavras que ele mesmo havia empregado.

Marie-Joseph Chénier tomou a defesa dos vocábulos incriminados.

Talvez muita gente só repudie nas palavras novas as ideias e as instituições novas, dizia ele. No entanto, é preciso ter cuidado: uma palavra que se acredita nascida com a República francesa foi contemporânea da monarquia.... Muita gente gostaria de proscriver *cívico* e *cidadão* como suspeitas de novidade; são velhas palavras.

A idade da palavra importava pouco. Uma vez que ela foi empregada pelos revolucionários, era suspeita, julgada e condenada. O *Mercur* (3 vendemiário, ano XI) se desculpava por ter se servido da palavra *patriotismo*, que devia ser entendida em sua significação primitiva porque

os homens de 93 não tinham patriotismo, mesmo que falassem de pátria.

Chateaubriand achava que as pessoas eram

indiferentes às cenas dos Horácios porque por trás de todas essas palavras: "E aí! vocês me choram morrendo por meu país!" não se vê senão sangue, crimes e a linguagem da tribuna e da convenção [32].

Essa caça boba pelas palavras e locuções não faziam deixar de subsistir na língua um número considerável que haviam entrado pela brecha da Revolução. A cóleras impotentes dos gramáticos e dos puristas não fizeram nada mais que constatar oficialmente o nascimento da língua da burguesia. Era necessário estudar a renovação linguística em suas causas e em seus efeitos.

A Revolução chamava uma classe nova à vida política que ela criava com o mesmo golpe. As questões de Estado, até então reguladas no segredo do gabinete real, iriam ser discutidas publicamente nos jornais e assembleias parlamentares. A opinião pública se tornou uma potência, era necessário se dirigir a ela e valer-se de sua ajuda para manter o governo. Essas novas condições exigiam uma língua igualmente nova que, da esfera política em seguida devia passar para o domínio puramente literário [33].

Os homens que durante a Revolução estavam encarregados das questões públicas, que as discutiam na tribuna e na imprensa, vinham de todas as províncias e tinham sido educados longe da corte e da influência das academias e dos salões. Aqueles que como Talleyrand tinham recebido uma educação aristocrática estavam conscientes das insuficiências da língua [34]. A que falavam em suas casas, em suas lojas e em seus gabinetes de homens da lei era a dos burgueses, seus amigos e clientes, não a dos cortesãos de Versalhes e dos escritores acadêmicos que, convivendo com as pessoas do mundo real e pedindo seu sufrágio, se esforçavam para empregar apenas sua língua castiça. Mas, os jornalistas e os

oradores da Revolução se dirigiam a um outro público burguês, atribuindo-se a tarefa de convencer e cooptar os burgueses. Falavam e escreviam naturalmente a língua que ouviam ao seu redor, em seu meio social, como o haviam feito os Rabelais, os Montaigne e os Calvin, esses pais de nossa língua, da qual fizeram reviver um grande número de palavras e expressões. Os acontecimentos políticos em que foram jogados eram tão imprevistos e precipitados que, quando obrigados a escrever e falar sob a impressão do momento, não tinham nem a vontade nem o tempo para se conformar às regras acadêmicas, de escolher suas expressões nem mesmo de obedecer as regras mais elementares da gramática. Afinal, escolhidos para subverter as instituições de uma sociedade a que incomodavam os desenvolvimentos de sua classe, não deviam respeitar sua língua nem os usos do corpo literário constituído como seu guardião. A dissolução da *Academia*, "esse último refúgio de todas as aristocracias [35]", estava na ordem lógica dos acontecimentos.

Falando e escrevendo da tradição sem preocupação, eles saíam do estreito círculo que aprisionava a língua polida. Sem querer eles destruíam em um átimo de tempo a obra do hotel de Rambouillet e do século de Luís XIV. Eles se serviram sem nenhuma sensação de incômodo de palavras e locuções cujo uso quotidiano lhes mostrara sua força e utilidade, sem ter dúvidas de que foram postos na corte e nos salões. Eles trouxeram provincialismos de seus lugares de origem; empregavam os termos dos ofícios e dos negócios, forjaram as palavras que lhes faltavam e mudaram o sentido das que mais lhes convinham. A Revolução foi efetivamente criadora da língua, como nas instituições; Mercier tinha razão para de dizer que "o idioma da Convenção era tão novo quanto a posição da França".

Eu mostrei com citações a senha de Voltaire e dos puristas ante e depois da Revolução para defender a qualquer custo a língua atrasada do século XVII. A fim de dar uma ideia da brusca revolução linguística que se deu de 1789 a 1794, vou reproduzir as listas bastantes incompletas das palavras novas e antigas de que se enriqueceu a língua. Elas serão de qualquer forma suficientes para mostrar ao leitor que a maioria das inovações feitas depois tinham sido introduzidas nesses anos revolucionários.

Quis-se abreviar as frases mediante verbos novos que despojam o estilo de qualquer graça sem lhe dar mais precisão,

dizia Mme de Staël, e como prova ela dizia: *utilizar, precisar, ativar* [36]. A precisão incomparável da língua do século XIII, precisão jamais atingida pela moderna, sobrecarregada de adjetivos pomposos e de comparações reluzentes, mas em geral pouco exatas, isso não era a qualidade que procuravam os revolucionários. Eles queriam ter uma língua vivaz, expressiva e rica de palavras. Como a língua aristocrática era pobre em verbos, eles transformaram os substantivos em verbos, sem se preocupar com regularidade gramatical e com uma adequação perfeita de sua significação. Na enumeração dos verbos introduzidos ou criados durante a Revolução e nos outros que introduzo em seguida, menciono, com algumas exceções, as palavras adotadas pelo uso a despeito do ostracismo acadêmico.

Republicanizar, pactizar, centralizar, requisicionar, legiferar, igualizar, "a Bastilha igualiza tudo que engole como a morte" (Linguet). *Jornalizar, eleger (élire)*, esta última mal conhecida antes da Revolução, as pessoas a estropiavam durante a primeira eleição.

Era muito comum ouvir honoráveis membros dizer: *Nós elegemos (on a éli) senhor um tal presidente* (Mercier, *Dictionnaire néologique*).

Ordenançar, panfletizar, radiar da lista dos emigrados, *basar (baser)*, palavra pesada, parasita inútil, a criação de neologismo moderno mais infeliz. *Fundar, estabelecer* eram usadas até aqui... isso é coisa das pessoas da tribuna, já que se deixava aos procuradores os termos de trapaça (*Mercur*, 1 germinal, ano X).

celeratizar (scérelatiser), julhificar (juillettiser), quando, então, as pessoas, a exemplo de Paris, reverterão as bastilhas e *julhificarão*,

camelionar, mobilizar, desmarquezar (démarquiser), democratizar, desemprestar (déprêtiser), no conselho geral da Comuna de Paris haveria um registro para inscrever as declarações dos cidadãos que quisessem se *desemprestar (déprêtiser)*,

destiarizar (détiarer), religionar (religionner), ateizar, missar (messer) uma missa em quatro tempos.

Domesticar, escravizar (esclaver) uma nação, *heroizar, revigorar, virilizar, ensaiotar (enjuponner), gigantificar* o perigo, *abominar, soporificar*.

Fabulizar as novidades, *ferular* uma assembleia, *parolar, forcear (forcener)* linguagem como Collot d'Herbois, *pavonizar, lonizar*,

as revoluções imprimem nas opiniões este furor que vai leonizar as pessoas; elas serão suficientes para devorar os tiranos (Mandar);

cataventar, verbo tão necessário nesses tempos em que se muda tanto de opinião, em que o *Dicionário* dos contemporâneos foi intitulado *Dicionário dos cataventos*; *enlamear (fanger)* pela corrupção das cidades (Restif de la Bretonne foi um dos mais ardentes neólogos), *ligaturar* um povo; *juvenalizar, machiavelizar, cromwellizar, don quichottizar, advocatizar (avocasser), convulsar, patifizar (coquiner), dessexualizar, diamantar, encinturar*, tornar recintado, *piramidar*, "extravagância que nos vêm do Egito, embora Diderot tenha escrito: "Este grupo piramida bem".

Pantufar (pantoufler):

A Assembleia reduziu o rei Coco a *pantufar* com a rainha sobre as questões públicas. Mme de Sévigné havia dito: " Eis c... à vontade; nós vamos pantufar bastante". *Desbestar (ébêtir), desumanizar, impressionar, imajar (imager)* o próprio discurso, *expressionar* por meio de entonações, *gestar*, Lekain gestava com nobreza.

Historizar, editar, tomar (tomar) mais do que a matéria comporta.

Mistificar, consentimentar (agrémenter), susurrar, futilizar, modernizar, fanfarrar, melodiar, odorar, subodorar, anzolar, naufragar, frugalizar por amor pela República, *esterilizar* a indústria, *ajornar (ajourner), modular, urbanizar* uma assembleia, *polonhizar, germanizar, alfinetar*, a ausência desse verbo justifica a perífrase de Delille.

Substantivar, educar, idealizar, egoizar.

Não de poderia repreender o autor das famosas memórias (Necker) por não ter egoizado. Os revolucionários precisavam de substantivos e de adjetivos novos tanto quanto de verbos. Eles relançaram em circulação velhas palavras que haviam desaparecido depois de Mme de Sévigné e La Fontaine. Muitas entre alas são diuturnamente usadas a despeito da predição do *Mercur* de que, fazendo eco aos gramáticos e aos puristas do ano X seria uma atitude zombeteira.

palavras forjadas por Ronsard, du Bellay, du Bartas e muitos outros. O que se tornaram no século seguinte as que sugeriu Ménage?

A zombaria era vã: Ronsard, Baïf e seus amigos da Pléiade queriam substituir em poesia o latim pelo francês que os letrados

consideravam bárbaro e irregular, incapaz de mostrar esta elegância e cópia [abundância] que existe na grega e na romana; por outro lado, dizem ela não tem suas declinações, seus pés e seus números como outras línguas [37].

Em vez de imitar Villon e rimar ousadamente na língua vulgar, eles fizeram um compromisso, tomando de empréstimo aos gregos e aos latinos sua métrica e palavras que afrancesaram. Sua revolução foi bem sucedida. Eles destronaram tão bem o latim, suas palavras de origem antiga foram levadas à ruína. Os revolucionários, ao contrário, só importaram na língua aristocrática palavras de fabricação popular. E essas palavras tiveram uma vitalidade espantosa, ao passo que a vida das que foram paridas pelos eruditos e os letrados é precária e efêmera [38].

O *Dictionnaire de l'Académie* do ano VI, cuja publicação fora decretada pela Convenção, em seu suplemento deu direito de aburguesamento a 336 palavras novas. Isso era pouco, uma vez que então foram lançados todos os termos da língua parlamentar.

Organizador, desorganizador, reorganizador, agitador, agitado, moderantismo, "acusa-se-lhe de moderantismo para assassinar a moderação". Deputação, deputado, civismo, incivismo, propaganda, propagandista, refratário, padre ou funcionário de fazer sermão à Constituição civil do clérigo, mais tarde substituído por padre insermonado, cidadã, flagelador dos abusos, suspeito, pessoa suspeita de aristocratismo, fraternização dos povos, tiranicida, legicida, liberticida, jornalismo, jornalhada, desassinatura, logografia, que escreve tão rápido como a palavra, título de um jornal dando conta dos debates legislativos, ingovernável, burocracia, burocrata, aristocrata, "partidário do velho regime". Aristocracia,

a casta dos nobres privilegiados supracitados, em geral inimigos do governo (definição do *Dictionnaire de l'Académie* do ano VI).

Democrata

por oposição a aristocrata, aquele que se dedica à causa da Revolução.

No entanto, os *Atos dos apóstolos* de 1789 tinham como epígrafe: "Liberdade, alegria, *democracia real*".

Negricida, negrofilismo, título de uma brochura do ano X, na qual se propugnava pelo restabelecimento da escravidão. Um grande número de publicações reacionárias e católicas preconizava a escravidão. A *carneirada* se junta aos cabeças audaciosos. *Salariado, assalariado*,

eu só conheço três modos de viver na sociedade: é necessário ser pedinte, ladrão ou assalariado (Mirabeau.)

Teófago, termo debochado que tomado de empréstimo aos protestantes que assim designavam os católicos: para os revolucionários ele significava celebrador de missa, *falso Deus, capuchinahada, capuchinhagem, papa-Deus*.

Ágio, agiotar, fazedor, fricoteiro, fricassador de negócios, especulador, submissionário.

Capitalista:

Essa palavra só é conhecida em Paris. Ela designa um monstro de fortuna, um homem de coração inexorável que só tem afeições metálicas. Fala-se de imposto territorial? Ele debocha. Ele não tem um polegar de terra. Como taxá-la? Como os árabes do deserto, que acabam de pilhar uma caravana enterram seu ouro com medo de que outro assaltante possa aparecer, do mesmo modo os capitalistas esconderam nosso dinheiro (*Dictionnaire anecdotique*.)

Os revolucionários inventaram palavras para suas circunstâncias:

Sem-ceroulas, sem-ceroulice, os cinco dias complementares, vendemiarista, fructidoriano, termidorano, setembriada, setembrizar, terrorismo, terrorista, vandalismo; Grégoire o empregou pela primeira vez em um relatório para a Convenção "Eu criei a palavra para matar a coisa, diz ele em suas memórias. Naquela época a língua era um instrumento de demolição. Em sua defesa dos artistas aos quais se queria impor pagamentos, Mercier disse:

Para inverter as coisas mais facilmente, invertamos a linguagem (*Tribune publique*, outubro 1796).

Telégrafo,

essa máquina inventada depois de Revolução é uma espécie de gazeta aérea cujo alfabeto o governo conhecia

Lesapovo, "atentado maior que lesa-majestade". A língua se enriqueceu com uma infinidade de palavras necessárias e pitorescas:

Raptador, ossudo, ossatura, inabordado, infranqueável, acrimônia, inanidade, classeamento, classificação, classificador, classificar, gloriola, elogioso, inconsistente, inelutável, imprevisível, fortitude, engenhosidade, embotamento, engolimento, imagearia, amedrontamento, vulgaridade; Mme de Staël se considera a primeira usá-la:

a *famosidade* desse submissionário está escrita em letras de sangue.

Queimamento dos papeluchos da *robinocracia*. *Logo-diarreia*, de Voltaire se serviu em uma correspondência privada. *Ocioso*, empregado por Massillon, que foi criticado como inovador: ele foi reprimido por ter dito "desprezador das leis".

Há pouco (naguère), que tinha sido proscrita e substituída por "não faz muito tempo", foi retomada assim como outras cujo desaparecimento La Bruyère lamentou. O hotel de Rambouillet empreendeu uma campanha contra porquanto (*car*). Gomberville se vangloriava de não tê-la usado uma única vez em nos 4 volumes de seu romance *Polexandre*.

A filosofia e as ciências foram beneficiadas com muitos termos:

Idealisar, idealismo, idealista, idealização, idealidade, indiferentismo, perfectionamento, perfectibilidade.

Ser supremo,

Robespierre proclamou com prazer o Ser supremo da República que não tem nada a ver com o bom Deus... Um sem-ceroulas disse: "Não há mais Deus; só há um Ser supremo" (Laharpe).

Tentou-se introduzir *cienciado (sciencé)*, que era desnecessário pois se tinha *sábio (savant)* desde a Idade Média. Os ingleses, aos quais a palavra falta, ficam incomodados ao designar o homem de ciência; eles chamam um estudante de sânscrito, de filosofia etc. Nos últimos tempos, eles adotaram a palavra francesa *savant* e criaram o neologismo *cientista (scientist)*. Palavras introduzidas recentemente na língua eram usuais durante a Revolução:

Modernismo, naturalismo, tomados em sentido religioso, religião da natureza; *seleção*, reintroduzida do inglês por Mme Clémence Royer no prefácio da tradução do livro de Darwin; *nadista (rieniste), niilista*, cuja formação foi atribuída a Turgenev . H. Castille, que tinha uma grande riqueza de palavras, serviu-se dela em seu livro sobre os *Hommes et les moeurs du règne de Louis-Philippe*, 1853.

Novas significações foram impostas a palavras antigas:

Lanternar, ser indeciso, antes da Revolução: "o cardeal lanternou muito nos últimos seis dias " (de Retz). Após a Revolução, dependurar na lanterna. *Moralidade* antes da Rév., reflexão moral, sentido moral envolvido em um tipo de discurso fabuloso; após a Rév. "caráter moral de uma pessoa, seus costumes, seus princípios" (*Dictionnaire de l'Académie* do ano VI). *Nivelar*, antes da Rév. "medir com um nível"; *nivelador*, "aquele que tem por profissão nivelar"; após a Rév. "igualizar", *nivelador*, "aquele que solicita a igualização das fortunas e o compartilhamento de terras". *Igualdade*, antes da Rév. "conformidade, paridade, relação entre coisas iguais"; após a Rév. "igualdade de direitos, a mesma lei para todos, quer para proteger, quer para punir". *Patente*, antes da Rév., "termo de chancelaria e de finanças", usado em poucos casos; *carta de patente*, após a Rév., espécie de licença comprada do governo para se ter uma indústria ou comércio. *Jurado*, antes da Rév., "aquele que profere falas exigidas pela autoridade: cirurgião jurado, jurado vendedor de aves. Daqueles do corpo de artesãos encarregados de observar os estatutos: mestre jurado após a Rév. "comissão de simples cidadãos chamados a constatar um delito denunciado. *Especular*, antes reservado às manifestações mais elevadas do pensamento filosófico e matemático, entrou na língua financeira antes da Revolução. *Soberano*, após a Revolução, substantivo coletivo: "A universalidade dos cidadãos é o soberano".

A literatura do século XVIII distingue-se pela precisão e clareza de sua língua e pela sobriedade e escolha parcimoniosa de suas imagens, entre outros méritos. Suas qualidades foram impostas por seu caráter de literatura de combate. Os romances, os contos e as tragédias desenvolviam teses de filosofia. As polêmicas mais áridas, como a que trata do comércio de trigo, se manifestava de modo elevado. Cobriam-se de ridículo as ideias opostas e se criticavam os arrazoados dos adversários. A língua devia ser forçosamente precisa, sóbria nas imagens e pobre nas palavras, a fim de não desviar a discussão. Depois de Descartes o espírito crítico era por excelência o espírito filosófico. Os filósofos da escola cartesiana recomendavam começar a discussão pela definição dos termos do debate; os enciclopedistas atribuíam a mesma importância à definição exata das palavras. Diderot frequentemente dizia que as controvérsias se eternizavam porque os dois adversários se serviam das mesmas palavras com significados diferentes. Condillac acreditava que a língua era um método analítico e que as palavras eram porta-pensamento. O primeiro instrumento da arte de pensar era a língua exata como as matemáticas, com palavras nitidamente definidas e classificadas.

A razão, deificada pelos membros da comuna de 93, era a mestra soberana dos enciclopedistas. Não admitiam nada contra a palavra do mestre. Eles não respeitavam nada só consagrado pela tradição, não toleravam nada pela mera necessidade das convenções sociais, criticavam tudo. Instituições sociais e políticas, crenças religiosas, sistemas filosóficos, prejuízos mundanos, tudo isso devia comparecer perante o tribunal da Razão e provar seu direito à existência. Tudo era decomposto, analisado em suas partes, pesados em seus elementos. De acordo com a pitoresca expressão de Hegel, "o homem caminhava então de cabeça para baixo".

Mas, ao lado desses enciclopedistas produziam-se outros escritores, que questionavam o poder da análise, pondo em dúvida o pensamento raciocinante e opondo o Sentimento à Razão.

Seja lá o que dizem os moralistas, o entendimento deve muito às paixões, que também lhe deve muito. É pela atividade delas que nossa razão se aperfeiçoa, escrevia Rousseau em seu *Discurso sobre a desigualdade* entre os homens, uma das obras primas mais extraordinárias do século XVIII. Em outra passagem desse discurso, ele ousou acrescentar:

Eu ousou quase assegurar que o estado de reflexão é um estado contra a natureza e que o homem que medita é um animal depravado.

A Bernardin de Saint-Pierre ele dizia:

Quando o homem começa a raciocinar, ele deixa de sentir.

O sentimento destronava a Razão, o coração suplantava a cabeça.

Os fermentos utilizados pela sociedade do século XVIII deviam trazer uma transformação das instituições políticas e também uma renovação dos gostos e das paixões do homem social.

O gosto pela natureza, ignorado pelos nobres que deixavam suas terras pela corte e os jardins de Versalhes, se mostrou tão repentinamente no espírito dos cidadãos burgueses que acreditaram ter descoberto a natureza como Cristóvão Colombo descobrira a América. Ninguém antes deles não a haviam conhecido nem descrito.

Chateaubriand disse no *Gênio do cristianismo* que a poesia que chamamos descritiva era desconhecida na antiguidade...

Hesíodo, Teócrito e Virgílio sem dúvida nos deixaram admiráveis descrições dos trabalhos, dos costumes e da ventura rústica, mas, no que tange a essas descrições dos campos, dos fenômenos do céu e das estações – que enriqueceram a musa moderna – dificilmente são encontrados em seus escritos.

A nova literatura não iria ocupar-se do trabalho no campo, mas da natureza do ponto de vista romanesco, pitoresco e sentimental: dotava-se a natureza de uma alma sensível. Alguns anos antes da Revolução, um sábio naturalista suíço que filosofou no final de sua vida, Bonnet, descobriu uma alma imortal nas plantas e instituiu um paraíso celeste para os burricos e os burros, condenados a duros trabalhos na terra sem dúvida por terem comido no paraíso terrestre do feno proibido.

O amor, essa paixão contida, comprimida, submissa às regras da política e às convenções da sociedade durante o período aristocrático, esse amor se insurgiu e exigiu o domínio do homem e a regência de seus pensamentos e de suas ações.

A língua precisa de Voltaire se mostrava incapaz de exprimir esses gostos e essas paixões da data recente.

A arte de representar a natureza, disse Sainte-Beuve, é tão nova que os termos para isso ainda não foram criados... para descrever a variedade de formas curvadas, arredondadas, alongadas, achatadas, cavadas de uma montanha, só se encontram perífrases; para os

planos e os vales é a mesma dificuldade. Para descrever um palácio, no entanto, não há a menor dificuldade... não há nenhuma moldura que não tenha seu nome [39].

A política havia criado a língua parlamentar; o apreço pela natureza, o amor e o sentimento, por sua vez, iriam formar uma linguagem a ser usada.

A polidez fazia do nobre um estoico. Ela o obrigava a esconder sob um semblante sorridente e uma contenção irreprimível as angústias da alma e as dores do corpo. Do mesmo modo, a literatura aristocrática não se detém para descrever o sofrimento. O verbo lacrimejar (*larmoyer*), desaparecido no século XVII, renasceu após a Revolução. Afinal, na literatura burguesa,

a dor iria servir aos mais sublimes efeitos do talento (Mme de Staël)

e os nervos iriam exercer um papel preponderante. Deu-se uma copiosa infusão de palavras sentimentais na língua: *endolorir*, *enervação*, *elanguescimento* (*alanguissement*),

um terno elanguescimento enerva todas minhas faculdades (Rousseau),

desesperança, *empalidecer* (*appalir*), *vaporar* (ter vapores), *enamorar*, *desamar* ;

por que os franceses não diriam desamar, uma vez que amam e tão rapidamente e desamam mais rapidamente ainda, de acordo com os caprichos do momento? (Mercier);

tenrificar um coração como uma coxa de cavalo na fita da Ordem do Espírito Santo.

O homem não se esforçava mais para se elevar nas ideias; ele se abandonava ao sentimento e à sensação. Ele se desertou da meditação filosófica e da crítica espiritual e se dizia

puxado para a poesia das imagens, que como o som da música levam o homem a se entregar ao vago indefinido do devaneio (Mme de Staël).

Estranho contraste. O sensualista Condillac prendia o espírito numa língua abstrata como as matemáticas; o espiritualista Malebranche tenta reunir em suas obras de metafísica as imagens e as ideias.

Durante o período revolucionário a paixão desordenada dos objetivos se revelando com toda força, tinham curso livre comparações, metáforas e antíteses. Com a vigência do mau gosto, ela engendrou uma intumescência na língua semelhante à verbosidade enorme e enfática que, no tempo de Petrônio, emigrou da Ásia para Atenas [40] e que não foi ultrapassada pelas extravagâncias mais descabeladas dos românticos.

Ouvia-se então na tribuna das assembleias e dos clubes e se lia nos jornais e brochuras:

A hidra monstruosa da aristocracia, portanto, renasceu sem a mínima perda. É ela que exila a boa inteligência e a boa ordem (*Révolution de Paris*, nº IV de 2 agosto de 1789.)

Mais tarde a hidra da aristocracia se metamorfoseia em hidra da anarquia:

A hidra da anarquia pode renascer de suas cinzas, cuidemos de exterminar o monstro e aniquilá-lo para sempre (*Id.*, nº VII).

A hidra se transformou em fênix para renascer das próprias cinzas:

A aristocracia se arma no ateliê da liberdade (*Id.*, nº IV). Os dominadores não escaparão dos olhos vigilantes da humanidade que os segue (*Id.*, III). A confiança, a liberdade, a segurança são a origem da prosperidade pública (Circular do comitê das subsistências de Paris).

Loustalot chama esse galimatias de "um grande príncipe". "A publicidade é a salvaguarda dos povos" (Bailly: ele teve a honra de tocar em várias palavras épicas que se tem atribuído a Joseph Prud'homme). Em uma *Mémoire sur les subsistances*, Calonne pinta Necker tendo

por satélite o espectro da penúria e se apoiando sobre o facho da sedição. – O gênio da liberdade acorda, e levanta, esparge a luz divina e seu fogo criador sobre os dois hemisférios (Fauchet, *Eloge civique de B. Franklin*). Os punhais da calúnia se multiplicaram (Ordem do dia de La Fayette, 31 julho 1789). Quando a nação se arremessa do nada da servidão em direção à criação da liberdade (Mirabeau)

A Revolução havia inflamado a verve de Laharpe, o pedante frio, a ponto de fazê-lo declamar, com boné vermelho na cabeça:

Puxa! – ele bebe o sangue, o sangue nutre sua fúria e sua fúria leva à morte. – O povo só pode selar a liberdade irrevogavelmente traçando o ato que a consagra com a ponta das baionetas (Billaud-Varenne, discurso, 19 dezembro 1792). Os desejos dos cidadãos pedem a Napoleão Bonaparte que feche para sempre a cratera das revoluções (*Bulletin de Paris*, 12 termidor ano X). Escritores, filhos da torrente revolucionária. – Uma bÍlis recosturada três vezes contorna com uma espécie de sílex. Quando o isqueiro da anarquia toca a fibra de seu coração, ele lança fogo (Fauchet, *Journal des amis*). O infortúnio é um cadinho em que Deus retempera a alma (*Bulletin de Paris*) – A tragédia é o colosso do homem moral (*Décade philosophique*, termidor ano VIII). Deus é o eterno celibatário dos mundos (Chateaubriand, *Génie du christianisme* [41]).

A misteriosa temperança da lua nos espaços frios da noite (*Id.*, *ibid.*). A boca agonizante de *Atala* se entreabriu e sua língua veio procurar o Deus que a mão do padre lhe apresentava (*Atala*).

A literatura pintava a desesperança e a vaidade das grandezas humanas.

A terra não passa de cinzas dos mortos petrificada de lágrimas dos vivos (*Atala*) A glória não passa de funerais da ventura (Mme de Staël). É pela morte que a moral entrou na vida (*Génie du christianisme*). A morte é como um seminada inventado para que o pecador sentir o horror do nada (*Id.*, *ibid.*).

Elevava-se o galimatias a sua terceira potência.

Se quisermos apreciar o quanto esse estilo -- carregado de adjetivos, metáforas e antíteses – era malvindo à língua do século XVIII, é preciso lembrar os queixumes de Voltaire que, após lamentar a introdução canhestra de palavras inglesas (*redingote*, de *riding coat*, veste para cavalgar, *boulingrin*, de *bowling green*, relvado em que se joga a pela etc.), se indignava contra essas expressões figuradas: "acender o facho da sedição; minha casa lança faíscas; o trono a seus hábitos; a sorte lança mistérios; os cavaleiros desciam nos

túmulos atraindo para aí os inimigos vitoriosos". Assistindo como espectador silente de indignação às orgias metafóricas e antitéticas da Revolução, Morellet encontrou em sua velha alma purismos suficientes para fazer concorrência ao estilo de *Atala* e se se perguntar sobre "o que serão o gosto, a língua e a literatura francesas " se tolerássemos

beber a magia nos lábios; as luas de fogo; as vozes da solidão se extinguem; o solo húmido murmurava; os clamores dos rios; os cadáveres de pinheiros de carvalhos; as colunas de fumaça assediando as nuvens que faíscam seus raios etc. [42].

Os leitores contemporâneos, que leram outras coisas, dificilmente compreendem a fúria e o desespero de Voltaire e de Morellet. Mas as críticas eram em vão: a língua literária moderna estava definitivamente constituída antes que o século XVIII tocasse sua derradeira hora, mesmo que com seus defeitos e suas qualidades, nascida na tribuna das assembleias parlamentares e nas páginas dos jornais e brochuras políticas, desenvolvida e completada nos romances que pululavam após a queda de Robespierre e, nos dramas, que exigiam imodestamente o direito à existência. Ela só atendia artistas de talento para castigá-la, flexibilizá-la, levá-la à perfeição e empregá-la na produção de obras primas. Chateaubriand apropriou-se da nova língua, desprezada pelos fósseis da sociedade já mencionada e pelos escritores que tinham pretensões sobre a boa literatura. Ele a manipulou com uma perícia de gênio. *Atala* iniciou uma era literária nova. Ela que foi a primeira obra romântica do século, ridicularizada pelos letrados, mas acolhida pelo público com um entusiasmo indescritível como foram vinte anos antes as *Méditations* de Lamartine. Isso se deu quando a língua revolucionária conseguiu afirmar sua supremacia retórica na prosa, que Lamartine, Vigny, Hugo e sua escola romântica puderam fazê-la enganar-se na poesia.

Assim que o calor da luta política diminuiu um pouco, a querela literária que explodira antes da Revolução se reacendeu. Surgiu uma divisão em dois campos: os clássicos e os românticos, como se passou a dizer mais tarde.

Uma parte dos homens de letras, escreveu Chateaubriand, só admira os estrangeiros (principalmente Shakespeare, colocado acima de Corneille e Racine), enquanto a outra tende fortemente para a nossa velha escola. De acordo com os primeiros, os escritores do século Luís o Grande não têm nem movimento suficiente no estilo nem, sobretudo, pensamentos. De acordo com os segundos, todo esse pretensoso movimento, todos esses esforços diários por pensamentos não passam de decadência e corrupção (*Mercur*, 25 prerial, ano X.).

A guerra estava declarada havia vários anos; no ano VIII o *Mercur* lamentava que

Vangloriar-se de Racine era querer tratar inimigos da República, gente de visão curta, fanáticos procurando reviver velhas instituições (Frutidor, ano VIII).

Fontanes retomou os ataques de Voltaire contra Shakespeare, ele que descobriu Chateaubriand em Londres na miséria e o converteu do ateísmo ao catolicismo afirmando que

este último se arrependeu em sua velhice de ter estimulado o mau gosto de colocar o monstro na ara de

Sófocles e Racine (*Mercure*, messidor, ano VIII).

Chateaubriand, exagerando as opiniões de seu protetor, comparava

As críticas que se apoiavam na natureza para louvar Shakespeare e essas políticas jogam os Estados de novo na barbárie ao desejar menosprezar as distinções sociais (*Mercure*, 5 pririal, ano X).

Era a luta política que continuava sob o signo de uma fortuna literária. Os revolucionários: os revolucionários torciam por Shakespeare e os reacionários por Racine. A confusão dos espíritos era tamanha naqueles dias turbulentos que os defensores da língua do regime antigo eram precisamente os que sustentavam ideias filosóficas e os princípios políticos de 1789. Enquanto isso Chateaubriand e seus amigos se serviam da língua revolucionária para honrar a religião católica ridicularizada pelos enciclopedistas e para empoleirar no poder os padres perseguidos pelos homens de 93. Com isso aconteceu que o triunfo da língua revolucionária foi assegurado por aqueles mesmos que se posavam de adversários das ideias revolucionárias.

A língua que surgiu de 1789 a 1794 não era nova. Folheando as obras dos velhos autores e os livros de escritores tratados como libertinos e poetas escrotos, encontravam-se as palavras recém-introduzidas, exceto algumas forjadas de acordo com a circunstância. Encontrava-se em muitos desses letrados o mesmo abuso do estilo figurado e a mesma ênfase que hoje continuam a ornar os escritos dos romancistas que se intitulam antirromânticos [43]. A Revolução se limitou definitivamente a destronar a língua aristocrática e a trazer à tona uma língua falada por burgueses e que já fora utilizada nas obras literárias. Essa reviravolta começara a se esboçar antes de 89. A Revolução a precipitou estrepitosamente.

A língua aristocrática ou clássica e a língua romântica ou burguesa, línguas literárias da França havia quatro séculos, são extraídas da língua popular, esse grande repositório comum de que os letrados de todos tempos tiram as palavras, os torneios e as locuções. A centralização monárquica começada no século XIV fez prevalecer o dialeto de l'Ile-de-France e de Paris, que se tornou a capital, sobre os idiomas das outras províncias, idiomas que chegaram a uma forma literária fora da constituição dos grandes senhores feudais. A aristocracia reunida em torno do rei pôde então criar sua língua clássica clarificando a vulgar e impondo-a aos escritores que proseavam e versificavam por prazer. No notável prefácio a seu *Dictionnaire*, que reproduzimos com frequência sem o mencionar, M. Littré

se pergunta por que o século XVII se considerou autorizado a podar um falar tão mais amplo e flexível [do que a língua do século XVI], a corrigir um instrumento de uso tão bom.

O paciente lexicógrafo que registra a marcha paralela da língua e da centralização aristocrática não percebe que a vida da corte e dos salões exigia uma língua menos rica, mas mais refinada do que a dos rudes batalhadores dos séculos XV e XVI.

A burguesia que cresceu rapidamente em riqueza e poder latente após a descoberta da América, por sua vez, talhou sua língua romântica sobre a vulgar, mas mais largamente. Desde que ela chegou ao poder em 1789, impô-la como língua oficial da França. Os

escritores que quisessem alcançar fortuna tiveram que adotá-la, a despeito de seus pouco valor. A língua clássica caiu com a monarquia feudal. A língua romântica, nascida na tribuna das assembleias parlamentares, durará o tempo que durar o governo parlamentar.

Notas

[1] LA CURNE DE SAINTE-PALAYE. *Dictionnaire de l'ancien langage français depuis son origine jusqu'au siècle de Louis XIV.*

[2] Em minhas "Recherches sur les origines de l'idée du Bien et du Justes" (*Revue philosophique*, setembro de 1885), tentei demonstrar que voltando à significação primitiva das palavras seria possível se dar conta do nascimento na mente humana de ideias abstratas que se acreditavam inatas

[3] M. Taine conseguiu sucesso, desde o começo, aplicando a teoria do meio em estudos literários mais marcantes. Ele mencionara o livro de Mme de Staël, ele que tinha uma tão vasta erudição. Poder-se-ia acreditar que ele se inspirara nela para suas teorias literárias e que marcando os traços salientes de sua crítica aos escritores do século XVII. O leitor poderá apreciar a fineza e a profundidade da obra de Mme de Staël pelos excertos que eu darei ao longo deste artigo.

[4] A. MORELLET. *Du projet de l'Institut national de continuer le Dictionnaire de l'Académie française*, ano IX (1801).

[5] G. FEYDEL. *Remarques morales, philosophiques et grammaticales sur le Dictionnaire de l'Académie française*, 1807.

[6] *Dictionnaire de l'Académie française*, 6ª edição, 1835, prefácio.

[7] S. MERCIER. *Dictionnaire néologique*, 1801, prefácio.

[8] Mme de Staël observa "que a polidez distribuía os homens em classes, em vez de reuni-los". Foi necessário um longo exercício e uma supervisão constante de seus gestos, palavras, ideias e sentimentos para adquirir esta perfeição de graciosidade atingida pela nobreza, graciosidade que a separava das outras classes e que ainda não foi igualada na sociedade moderna.

[9] *Encyclopédie*, de Diderot, artigo "Langue française".

[10] Joachim DU BELLAY. *La Défense et illustration de la langue française*, 1549, livro I, cap. 1º. Edições Becq de Fouquières.

[11] VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*, artigo "Langue".

- [12] Prefácio da segunda edição do *Dictionnaire de l'Académie*.
- [13] VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*, artigo "Langue".
- [14] Jonathan SWIFT. *A proposal for correcting, improving and ascertaining the English tongue in a Letter to the lord high treasurer*.
- [15] Du BELLAY *loc. cit.*
- [16] *Encyclopédie*, artigo "Français".
- [17] *Dictionnaire philosophique*, artigo "Style".
- [18] *Encyclopédie*, artigo "Français".
- [19] VOLTAIRE. *Dernières remarques sur les "Pensées" de Pascal*, edição Garnier, tomo XXXI.
- [20] Carta a M. de Vaines, 10 agosto de 1776. Vol. I. *Correspondance*. Edição Garnier.
- [21] *Correspondance de Voltaire*. Carta de 13 agosto, vol. L, edição Garnier.
- [22] *Correspondance de Voltaire*. Carta de 20 agosto, vol. L.
- [23] Carta de M. de Voltaire à l'Académie française, lida em 25 agosto de 1776, édition Garnier, vol. XIX. *Mélanges*.
- [24] VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*, artigo "Langue".
- [25] VOLTAIRE: *Dictionnaire philosophique*, artigo "Goût" (gosto).
O célebre pintor M. G. Boulanger publicara uma brochura intitulada *À nos élèves*, por ocasião do Salão de 1885, na qual ele deplora o abandono da grande arte. Para ele, Bastien-Lepage não passaria de um enlouquecido "pelo naturalismo, o impressionismo para falar a gíria, que pretende glorificar a impotência e a preguiça. O maior sintoma dos males que nos ameaçam é a procura pela originalidade". Sem intenção de comparar M. Boulanger a Voltaire e Bastien-Lepage (esse pintor de um talento tão pessoal e variado), a Crébillon, ao Allobroge – que visa particularmente ao autor do *Dictionnaire philosophique*, – eu considerarei muito mordaz repreender esses distintos representantes de artes tão diferentes, falando há mais de um século de distância e, no entanto, exprimindo as mesmas desconfianças contra a originalidade, a ruína de todos os convencionalismos.
- [26] *Encyclopédie*, de Diderot, artigo "Langue française".

[27] No século XVI, a moda entre as pessoas da corte tinha sido juntar a primeira pessoa do singular com a primeira pessoa do plural, e dizer *j'avons, j'aimons* (eu temos, eu amamos) etc.

[28] Cartas b.... *patrióticas do pai Duchêne*, nº 199.

[29] E. e J. DE GONCOURT. *Histoire de la société française pendant la Révolution*.

[30] Mme de Staël. *De la littérature* etc., 1ª parte, cap. IX.

[31] LAHARPE: *Le Fanatisme dans la langue révolutionnaire*, tomo V das *OEuvres complètes*, edição de 1820.

[32] CHATEAUBRIAND. *Le Génie du christianisme*, 1ª edição, tomo IV.

[33] Mme de Staël, em seu entusiasmo incontido e um tanto forçado por seu pai, lhe atribui a honra de ser "o primeiro e até o momento o mais perfeito modelo da arte escrita por homens públicos" (*De la littérature*, 2ª parte, cap. VII). O estilo sentimental e empolado de M. de Necker é antes um modelo desta bela literatura que os capitalistas empregam em seus anúncios, em que misturam 6% de moral, os interesses do pai de família e os rendimentos da mina. A carta que ele enviou de Genebra em 23 de julho de 1789 a Luís XVI é um excelente exemplo de seu gênero: "Senhor, eu nem tive tempo de enxugar as lágrimas que sua carta me fez derramar e já corro a atender suas ordens. Eu não lhe levarei meu coração; é uma propriedade que o senhor merecidamente adquiriu e à qual eu não tenho mais direito. Eu fico impaciente e procuro acelerar os momentos que são necessários para ir oferecer-lhe a última gota de meu sangue etc."

[34] "Talleyrand dizia que nossa língua perdeu inúmeras palavras enérgicas que um gosto mais fraco que delicado proscreeveu. É preciso recuperá-las. As línguas antigas e algumas entre as modernas são ricas em expressões fortes, em torneios ousados que convêm perfeitamente aos novos costumes. É necessário apoderar-se delas". Citado por Mercier em sua *Neologia*, na palavra *synonymique*.

[35] Relatório lido por David, deputado do departamento de Paris, na tribuna da Convenção, em 8 de agosto de 1793.

[36] As palavras marcadas não se encontram na edição de 1835 do *Dictionnaire de l'Académie*; pode ser que se encontrem nos livros dos acadêmicos *De la littérature*, 2ª parte, cap. VII, "Du style".

[37] J. DU BELLAY. *La Défense de la langue*, 1. I, cap. IX.

Ronsard, em testamento, recomendava a seus amigos e discípulos não deixar perderem-se os velhos termos franceses e "defendê-los contra os patifes que não têm por elegante senão o que arrancam do latim e do italiano".

[38] O latim nos forneceu um exemplo notável. As palavras da língua das letras decaem com o Império Romano, enquanto que as da língua vulgar ainda vivem nas palavras que eles contribuíram a formar em italiano, provençal, espanhol, francês.

Latim literário	Latim popular	Italiano	Espanhol	
francês				
Equus	Caballus	Cavallo	Caballo	Cheval
Pugna	Batalla	Battaglia	Batalla	
Bataille				
Osculari	Basiare	Baciare	Besar	Baiser
Os	Bucca	Bocca	Boca	
Bouche				
Feli	Catus	Gatto	Gato	Chat
Urbs	Villa	Villa	Villa	Ville
Ignis	Focus	Fuoco	Fuego	Feu
Jus	Directus/drictus	Dritto	Derecho	Droit

[39] SAINTE-BEUVE. *Etude sur Bernardin de Saint-Pierre*, publicado no início de *Paul et Virginie*. Edição ilustrada de Furne.

[40] O *Satyricon*. *Nuper ventosa isthaec et enormis loquacitas Athenas ex Asia commigravit* (Caput II).

[41] Os cidadãos de Chateaubriand são extraídos da primeira edição de *Atala* e de *Génie du christianisme*. É aí que se deve procurar uma manifestação espontânea da retórica revolucionária. As edições subsequentes foram constantemente retocadas.

[42] MORELLET. *Observations critiques sur le roman intitulé 'Atala'*, ano IX.

[43] MM. E. e J. de Goncourt dizem a Michelet em uma carta, cuidadosamente conservada por eles, que a *Bible de l'Humanité* é semelhante à "Bíblia indiana: ela tem os desenhos da Cachemira e as amplitudes da tenda. Os senhores têm frases iluminadas, páginas ensolaradas, epítetos que nos faz suspirar, ideias que vibram sobre a haste das palavras etc." Após ter reproduzido esta carta (*Temps*, 30 janeiro de 1885) M. Claretie exclama: "Nós não lhes dissemos que o naturalismo nasceu no romantismo!" Os escritores naturalistas não podem fugir do romantismo. M. Zola foi forçado a reconhecê-lo. Eles podem abandonar a Idade Média gasta pelo moderno que, por sua vez, em breve será velho também, mas eles continuarão românticos.

E C O - R E B E L

Traduzido do francês por Hildo Honório do Couto

Aceito: 20/01/2019.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.